

ANA NUNES ALVES LOBATO

A escrita, o código verbal e as linguagens midiáticas na perspectiva do professor e do aluno do ensino fundamental

Monografia, apresentada à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), ao Curso de Especialização em Mídias na Educação, como requisito final para obtenção do grau de especialista em Mídias na Educação.

Orientadora: Profa. Mestre Geyza D'ávila Arruda

MACAPÁ
2012

ANA NUNES ALVES LOBATO

A escrita, o código verbal e as linguagens midiáticas na perspectiva do professor e do aluno do ensino fundamental

Defesa em: 29/09/2012

Conceito obtido: 10,0

Banca Examinadora

Geyza D'Ávila Arruda (Mestre)

Raimunda Maria da Luz Silva (Mestre – UNIFAP)

Inajara Amanda Fonseca Viana (Especialista – UNIFAP)

A Deus, nosso grande iluminador e autor da vida;

À minha família, cujo apoio incondicional tornou possível a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

À Professora Mestre Geyza D'Ávila Arruda, pelo estímulo, orientação competente e, sobretudo, pela valiosa contribuição de conhecimentos.

À Professora Especialista Cláudia Solange, pela contribuição de conhecimentos e demonstração de afeto e compreensão dispensada no Ciclo Básico;

Ao professor Mestre Alípio Júnior, pelo empenho e paciência em orientar o Ciclo Intermediário;

Ao Professor Mestre André Luiz da Silva Freire, pelo esforço em conduzir com êxito o Ciclo Avançado;

Aos colegas de turma, pela amizade, cooperação e cumplicidade nos momentos de alegria e dificuldades.

Aos colegas Professores da Escola Estadual Rivanda Nazaré da Silva Guimarães, que muito contribuíram com a efetivação da pesquisa;

Às alunas e alunos da 8ª série, turma 821, ano 2012, da Escola Estadual Rivanda Nazaré da Silva Guimarães, que colaboraram no fornecimento de dados imprescindíveis para as conclusões da pesquisa.

“A escola do presente deve formar seres humanos com capacidade de entender e intervir no mundo em que vivem. Não meros espectadores, sujeitos sem ânimo e sem conhecimento crítico para enfrentar a revolução de valores, de técnicas, de meios que se deflagrou”.

CHALITA

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1A Você compreende o ensino da Língua Portuguesa com facilidade?	38
Gráfico 2P Seus alunos sentem dificuldade para dominar o ensino da Língua Portuguesa? ...	38
Gráfico 3A Em sua casa as pessoas costumam comprar livros?	40
Gráfico 4P Quando é proposta a leitura na sala de aula, os alunos reagem com prontidão? ...	40
Gráfico 5A Onde você costuma pesquisar suas tarefas escolares?	41
Gráfico 6P Onde seus alunos costumam pesquisar suas tarefas escolares?	41
Gráfico 7A Você lê o texto dos autores pesquisados e altera para escrever seu próprio texto?	42
Gráfico 8P Os alunos imprimem trabalhos diretos da Internet e entregam?	42
Gráfico 9A Quando seus professores avaliam seus trabalhos, sabem quando é copiado da internet?	43
Gráfico 10P Ao avaliar os trabalhos de seus alunos você sabe quando é copiado da internet?	43
Gráfico 11A No processo de aprendizagem como você classificaria a questão do acesso a Internet para pesquisas de trabalhos escolares?	44
Gráfico 12P Com o advento da Internet como você vê a questão da produção do conhecimento?	44
Gráfico 13A Quando você escreve texto no celular e na internet, simplifica e abrevia as palavras?	45
Gráfico 14P Você orienta seus alunos a utilizarem a Internet como recurso para pesquisar trabalhos escolares?	46
Gráfico 15A Você já escreveu texto na sala de aula da mesma forma como escreve no celular e internet?	47
Gráfico 16P Os adolescentes adotaram uma nova linguagem para escrever textos no celular e na Internet simplificando e abreviando palavras. Você já percebeu essa linguagem na sala aula?	47
Gráfico 17A A escrita abreviada e simplificada da internet prejudica a escrita padrão na sala de aula?	48
Gráfico 18P A escrita abreviada e simplificada da internet prejudica a escrita padrão na sala de aula?	48
Gráfico 19A Com a facilidade de pesquisa na Internet, com que frequência você utiliza os livros?	49
Gráfico 20P Com a facilidade de pesquisa na Internet, com que frequência os adolescentes utilizam os livros?	50
Gráfico 21A Com que frequência você acessa a Internet?	51
Gráfico 22P Como você considera essa nova linguagem da Internet?	52

RESUMO

Esta pesquisa desenvolveu uma discussão sobre a linguagem midiática que tem impedido o processo de estruturação da linguagem da internet em situações pedagógicas na sala de aula. Inicia buscando fazer entender que a construção do conhecimento acontece levando em consideração o saber prévio do aluno e a relação afetiva entre o professor e aluno para a promoção da aprendizagem, posto que frequentemente a linguagem culta é tomada como primordial para a materialização da escrita. Estabelecer este entendimento é fundamental para explicitar a função da linguagem, expressão do ser que precisa de estruturação. Na abordagem teórica escolhida para este trabalho de pesquisa, a estruturação da linguagem é considerada como um processo que precisa ser construído na preconização entre o pensamento e a linguagem para a formação do caráter do indivíduo, indispensável para a vida e cidadania. Para obter os dados para o estudo da pesquisa foi utilizada uma amostra significativa de alunos e professores, de 8ª série do ensino fundamental, do ano 2012, da Escola Estadual Rivanda Nazaré da Silva Guimarães, com a finalidade de estabelecer uma análise tecendo comparações com os pressupostos teóricos, a prática pedagógica dos professores e a concepção dos alunos referentes à linguagem digital. Os objetivos da pesquisa procuraram investigar e identificar a percepção dos sujeitos pesquisados sobre a importância da tomada de consciência da função social da linguagem e possibilidades de promover de forma consciente e eficaz o desenvolvimento da cognição humana na sociedade presente. A problemática levantada com o estudo vem identificar qual a contestação que tem levado os professores a suporem que a comunicação escrita dos alunos pode afetar a aprendizagem no espaço escolar, quando se observa a supervalorização da linguagem formal em detrimento da linguagem informal e da linguagem digital. A hipótese instituída para o problema - definida por considerar que a norma padrão preconizada pela tradição escolar vem sendo posta a segundo plano por grande parte dos alunos e que o professor, no exercício de sua prática pedagógica, subestima a importância da comunicação utilizada pelos adolescentes no ambiente virtual, é claramente negada pela investigação. Os resultados da pesquisa tornaram possível o alcance dos objetivos, e indicaram um olhar positivo a respeito das possibilidades de construção da linguagem escrita e oral no dia a dia no espaço pedagógico, e apresentou dentro dos seus limites e do seu suporte teórico, contribuições para que os professores se capacitem e reinventem novas formas didático-pedagógicas para amparar esse novo método de criação de textos e interação oral e escrita na internet.

Palavras-chave: Linguagem da Internet. Conhecimento. Aprendizagem.

ABSTRACT

This research developed a discussion about the media language that has impeded the process of structuring the language of the Internet in teaching in the classroom. Start by trying to understand the construction of knowledge happens considering the previous knowledge of the student and the affective relationship between teacher and student for the promotion of learning, since often the language learned is taken as paramount to the materialization of writing. Establishing this understanding is fundamental to explain the function of language, expression of which must be structured. In the theoretical approach chosen for this research, the structure of language is regarded as a process that needs to be built in preconization between thought and language to form the character of the individual indispensable for life and citizenship. To obtain the data for the research study used a representative sample of students and teachers in the 8th grade, the year 2012, the State School Rivanda Nazaré da Silva Guimaraes, in order to establish an analysis weaving comparisons with theoretical, pedagogical practice of teachers and students regarding the design of digital language. The objectives of the research sought to investigate and identify the perception of the subjects studied on the importance of awareness of the social function of language and ways of promoting a conscious and effective development of human cognition in this society. The issues raised in the study is to identify which defense that has led teachers to assume that written communication can affect students' learning in school, when one observes the overvaluation of language at the expense of formal and informal language of digital language. The hypothesis established for the problem - defined by considering that the standard norm recommended by school tradition is being put into the background for most of the students and the teacher, in the exercise of their pedagogical practice, underscores the importance of communication used by adolescents in virtual environment, is clearly contradicted by research. The research results made possible the achievement of objectives, and indicated a positive outlook about the possibilities of construction of written and spoken language in everyday teaching space, and presented within its limits and its theoretical support, contributions to and enable teachers to reinvent new ways to support didactic and pedagogical this new method of creating text and oral and written interaction on the Internet.

Keywords: Language Internet. Knowledge. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	13
1.1. O conhecimento e a inteligência.....	17
2. A LINGUAGEM PADRÃO E A LINGUAGEM MUDIÁTICA DOS ADOLESCENTES.....	25
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE A – Questionário com os alunos.....	60
APÊNDICE B – Questionário com os professores.....	61

INTRODUÇÃO

A linguagem escrita abreviada e simplificada utilizada no ambiente virtual pelos adolescentes demonstra uma preocupação aos professores, de certa forma, vem interferindo no contexto escolar entre os atores sociais do processo ensino-aprendizagem, de maneira que viesse instaurar uma nova linguagem diferente da linguagem preconizada pela tradição escolar. Tal situação decorre do fato de que essa nova geração de alunos, diante do avanço da tecnologia, inevitavelmente estabeleceu uma comunicação diferente na qual não há tempo para mensagens complicadas e de difícil decodificação.

Observamos que no blog dos adolescentes as palavras são abreviadas, reduzidas, simplificadas, a pontuação é irregular, há ausência de acentuação, alongamento de vogais e consoantes. Essa renúncia deliberada às convenções ortográficas da Língua Portuguesa acontece porque o adolescente já é capaz de redescrever seus conhecimentos ortográficos. (ARAÚJO (org), 2007, p.38)

O “internetês”, palavra não encontrada no dicionário, é a linguagem usada na internet pelos adolescentes nas redes sociais, principalmente nas mensagens de texto via celular e conversas em programas on-line como o MSN. No contexto escolar surgiram novos termos como teclar, plugado, *blog*, *site*, *homepage*, *facebook*, *Orkut*, entre outras que fazem parte do cotidiano dos alunos, não podem ser ignoradas pelos professores, mas adaptadas aos conteúdos, valorizando assim o saber do aluno.

Diante de tal realidade, surge a necessidade de investigar a relevância da linguagem digital e suas possibilidades de adaptação para a sala de aula, aliada ao conhecimento. Isto sempre com o objetivo de incorporar a problemática presente no espaço escolar, ou seja, o professor deve propiciar momentos para que a linguagem midiática seja inserida nas atividades escolares, fazendo sempre uma comparação com os alunos entre a linguagem formal e a linguagem informal. Dessa forma, o descontentamento dos docentes quanto ao uso de palavras simplificadas e abreviadas pelos adolescentes, pode ser amenizado diante de tal realidade e assim será identificado o valor atribuído pelos alunos a cada linguagem.

A indagação realizada através da pesquisa de campo restringiu-se em identificar qual a contestação que tem levado os professores a suporem que a comunicação escrita dos alunos utilizada via internet pode afetar a aprendizagem no espaço escolar? Uma das respostas consiste que o professor, no exercício de sua práxis pedagógica subestima a importância da linguagem digital, para uma aprendizagem eficaz, quando se observa a supervalorização da linguagem formal, o que se configurou na hipótese testada na pesquisa.

Foram 30 alunos, 11 meninos e 19 meninas com faixa etária entre 14 e 15 anos e 5 professores, sendo 4 de sexo feminino 1 masculino, com idades entre 27 e 57 anos e o tempo de ensino de 6 a 15 anos, da 8ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Rivanda Nazaré da Silva Guimarães para a realização da pesquisa. As fontes de aquisição acerca das informações e levantamento de dados foram centradas na pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Na coleta de dados, foram empregados questionários aos investigados. Os dados receberam tratamento quantitativo e qualitativo, com predominância qualitativa, na proporção em que os dados em prioridade estavam voltados para a linguagem da internet estabelecida pelos adolescentes no espaço pedagógico.

Portanto, a pesquisa tem como temática “A escrita, o código verbal e as linguagens midiáticas na perspectiva do professor e do aluno do ensino fundamental”, por considerar que a linguagem digital efetivada pelos adolescentes para facilitar a escrita verbal é uma comunicação viva e dinâmica e que deve ser processada na sala de aula sob o olhar do professor, assumindo seu papel de mediador do conhecimento. A comunicação nos dias atuais não mudou a sua função social e sim os meios em que ela é processada.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo apresenta uma abordagem teórica sobre o tema abordado à luz da Psicologia, enfocando como se dá a construção do conhecimento valorizando o saber prévio do aluno e aborda também a importância da afetividade na relação professor-aluno para a promoção da cognição. Assim, o professor enquanto co-responsável pela formação dos alunos deverá criar condições favoráveis para a aprendizagem, empregando estratégias indispensáveis para a construção do conhecimento, considerando que a linguagem não está dissociada do pensamento e uma vez que o conhecimento é dinâmico ela é fundamental para a construção e evolução do saber.

O segundo capítulo, intitulado “A linguagem padrão e a linguagem midiática dos adolescentes” faz uma abordagem sobre a contribuição da tecnologia para a educação por meio de recursos como textos, imagens, vídeos, sons, animações e outros recursos possíveis de agregar conhecimento no contexto escolar. O capítulo dois faz ainda uma comparação entre a leitura que se efetua no livro e a realizada na internet. A leitura do livro é linear e a da internet apresenta-se em forma de caleidoscópio criando no leitor uma espécie de viagem por meio de seus hipertextos.

O terceiro capítulo, que traz o título “procedimentos metodológicos”, apresenta a pesquisa realizada na escola-campo com professoras e alunos. Neste são descritos os procedimentos metodológicos utilizados na implementação da pesquisa e seus desdobramentos. São apresentadas as justificativas da escolha da escola-campo e dos agentes pesquisados, assim como o método aplicado no tratamento dos dados coletados para uma melhor análise e interpretação destes. O capítulo quatro trata da “Análise e discussão dos resultados” concernentes aos gráficos da pesquisa obtidos através dos questionários aplicados aos alunos e professores, fazendo uma analogia entre as respostas dos pesquisados.

Por fim, são feitas as considerações finais sobre os resultados da pesquisa, destacando os aspectos relevantes identificados e apresentando conclusões de análises críticas em relação à hipótese levantada. Com base nas conclusões, foram indicadas sugestões à instituição pesquisada acerca do tema em estudo, com o intuito de contribuir para o uso das tecnologias como aliado ao fortalecimento do processo ensino-aprendizagem no espaço pedagógico.

1. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O conhecimento acontece pela apropriação da organização do pensamento que o indivíduo estabelece nas relações históricas e sociais na qual estão vinculadas contribuições de ordem cultural e psicológica. Esse conhecimento obtido nas relações irá interferir na evolução do processo de ensino aprendizagem sistematizado pela escola, que tem como função colaborar para que o aluno constitua seu pensamento a partir de seu conhecimento informal. Com isso, o aluno não é um ser passivo no qual o professor depositará conhecimentos, atitude considerada pelo educador Freire (1987, p.33) como uma educação (bancária).

No processo de ensino aprendido o saber prévio do aluno deve ser ponderado a partir de suas vivências em seus mais diversos conceitos construídos socialmente para que se torne sujeito de suas ações e atue como agente de transformação. Por isso, o espaço escolar deve ser dialético para que haja possibilidade de entendimento entre professor e aluno e o ensino convencional tenha êxito em conjunto com a autonomia do aluno, “afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser ‘lido’, interpretado, ‘escrito’ e ‘reescrito’”. Nesse sentido, “quanto mais solidariedade exista entre educador e educando no ‘trato’ deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola” (FREIRE, 1996, p.97).

Observa-se, porém, que vivemos numa sociedade cada vez mais individualista, na qual o interesse em se importar com o outro, o que ele está aprendendo ou fazendo não ocupa um lugar significativo, colocando a compreensão em um distanciamento da verdadeira aprendizagem, ou seja, aquela que sirva de referencial para a vida do aluno enquanto cidadão. Assim, o que faz com que se compreenda alguém é o significado das suas reações frente às situações e para que isso ocorra faz-se necessária uma compreensão humana ligada à afetividade que se estabelece entre aluno e professor.

Considera-se que a afetividade é um elemento que contribui significativamente para a promoção da cognição humana e a inter-relação dos aspectos socioafetivos na construção do processo ensino-aprendizagem. No entanto, percebemos que tais aspectos vêm sendo ofuscados no processo

educativo, em função da supervalorização do conhecimento científico curricular, criando no aluno um distanciamento e até mesmo egocentrismo e conseqüentemente a rejeição ao próximo. A relação professor-aluno deve ser pautada numa convivência reciprocamente harmoniosa, condição essencial para a efetivação dos valores emocionais que influenciem numa aprendizagem eficaz, favorecendo o desenvolvimento humano numa dimensão integral. Nesta relação notamos um elo constante de interdependência entre os aspectos cognitivos e afetivos, pois o ser humano traz consigo essas duas dimensões extremamente importantes para seu crescimento, reciprocamente, como nos relata Piaget (1999, p.36), um dos primeiros autores a estabelecer a relação entre afetividade e cognição, afirmando que não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos.

Nunca há ação puramente intelectual (sentimentos múltiplos intervêm, por exemplo: na solução de um problema matemático, interesses, valores, impressão de harmonia etc.), assim como também não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão). Sempre em todo lugar, nas condutas relacionadas tanto a objetos como a pessoas, os dois elementos intervêm, porque se implicam um ao outro.

A partir desse entendimento, Piaget (1999), ressalta os aspectos da assimilação e acomodação cognitiva como processos de adaptação, nos permitindo compreender que existe considerável parcela de afetividade influenciando tais situações. Na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao *self*- pessoa que se fez por si mesma, e que alcançou uma situação social superior graças ao próprio esforço, (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno), ou seja, um complementa o outro, durante toda a vida do ser humano.

Sendo assim, repensar a afetividade na Escola, como condição essencial para o desenvolvimento da cognição, possibilita um maior ajustamento das práticas de ensino dentro de uma relação afetiva, para tornar a Educação, de fato, humanizada. Desse modo, não podemos nos esquecer, nunca, de que o resultado da prática educativa em sala de aula reflete também na afetividade, isto é, não basta ministrar uma boa aula, e sim sensibilizar os alunos através da afetividade, como dizia o renomado educador Freire (1996, p.143), que “o educador progressista

precisa estar convencido como de suas consequências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana”.

Percebe-se ainda tal relação na teoria do desenvolvimento cognitivo, desenvolvida por Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), emérito pesquisador, sempre preocupado em investigar as várias vertentes da cognição humana, destacando as relações entre pensamento e linguagem, a importância do processo ensino-aprendizagem na promoção do desenvolvimento, o papel dos instrumentos e símbolos culturalmente desenvolvidos e internalizados pelo indivíduo no processo de mediação entre sujeito e objeto de conhecimento, dentre outros. Vygotsky (1996, p.3) relatou seu interesse e importância dada a esta relação, afirmando que:

Um claro entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo”.

Nessa perspectiva é visível a integração feita por Vygotsky dessas duas dimensões para a formação do funcionamento psicológico humano.

Ainda na área da Psicologia encontram-se estudos e contribuições dados a esse tema pelo psicólogo Coll, afirmando que o desenvolvimento da aprendizagem escolar tem relação direta com a atividade mental do aluno, o meio externo, as relações interpessoais. Nessa visão é importante que a escola promova aprendizagens significativas para que o pensamento do aluno evolua para além do currículo escolar. Coll (1994, p.137) afirma que,

Mediante a realização de aprendizagens significativas, o aluno constrói, modifica, diversifica e coordena os seus esquemas, estabelecendo, deste modo, redes de significados que enriquecem o seu conhecimento do mundo físico e social e potenciam o seu crescimento pessoal.

A linguagem não está dissociada do pensamento e uma vez que o conhecimento é dinâmico ela é fundamental para a construção e evolução do saber. É a linguagem que consolida a informação por meio das diferentes leituras realizadas pelo cérebro humano dando significados para as palavras, transformando as ideias e associando-as ao seu meio social. Essas associações são feitas individualmente uma vez que o conhecimento construído por meio da aprendizagem

escolar é também individual como sustentam Coll, Marchesi e Palacios (2004, p.37) dizendo que,

[...] além de ser ativo e construtivo, é de natureza essencialmente individual e interno. Individual porque os alunos devem realizar seu próprio processo de construção de significados e de atribuição de sentido sobre os conteúdos escolares sem que ninguém possa substituí-los nessa tarefa; e interno, porque a aprendizagem não é o resultado da leitura pura e simples da experiência, mas que é sim o fruto de um complexo e intrincado processo de construção, de modificação e de reorganização dos instrumentos cognitivos e dos esquemas de interpretação da realidade.

Entende-se que o conhecimento é único, isto é, vem da competência humana sobretudo de um conjunto de saberes que permeia a mente de cada um e nesse sentido, o aluno organiza seu conhecimento teórico levando em consideração o meio em que está inserido para a formação do saber. Esse saber teórico também vinculado a linguagem oral e escrita que é o elemento unificador da sociedade e da cultura, é o saber que pode ser partilhado para o ingresso do indivíduo na sociedade, lembrando que segundo o materialismo histórico o homem só é ser quando se comunica. Portanto, a linguagem atrelada ao pensamento é capaz de dar significados as palavras como aponta Vygotsky (1996, p.84),

O significado das palavras só é um fenômeno de pensamento na medida em que é encarnado pela fala e só é um fenômeno linguístico na medida em que se encontra ligado com o pensamento e por este é iluminado. É um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante – uma união do pensamento e da linguagem.

Na realidade, o pensamento recebeu maior influência e valorização em detrimento da linguagem, estabelecendo uma dicotomia no processo de relação entre a palavra e o pensamento. A linguagem é tão relevante quanto o pensamento, ela é quem fundamenta o desenvolvimento da consciência de si e social do indivíduo e a linguagem organiza o pensamento por meio das ações que o homem realiza ao se relacionar com outro homem.

1.1. O conhecimento e a inteligência

A linguagem cotidiana emprega o termo inteligência com numerosos significados, inclusive alguns com noções contrárias do que realmente é a inteligência. No novo dicionário eletrônico Aurélio uma das definições de inteligência é a “capacidade de resolver situações problemáticas novas mediante reestruturação dos dados perceptivos”. Porém, muitas são as divergências entre as doutrinas quando se referem ao conceito e tipos de inteligências existentes. Entre as mais conhecidas inteligências podem ser citadas as seguintes: relacional, condicional, emocional, múltiplas, geral. Neste trabalho deu-se ênfase a inteligência emocional por se tratar de relacionamento entre professor e aluno para a construção do processo de ensino e aprendizagem no âmbito escolar.

O resultado de um bom relacionamento entre professor e aluno confere numa dimensão de conhecimentos em virtude de a emoção se transformar a partir da reflexão, tal como aponta Morales (2003, p.10) mencionando que “o modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional”. Nesse sentido, temos a clareza de que o aluno precisa encontrar confiança em seu professor, tendo liberdade para expressar suas ideias sem ter medo de ser reprimido ou envergonhado diante da turma. E parafraseando Moretto (2003), o professor deve estabelecer uma relação de parceria com os alunos, favorecendo deste modo, a troca de experiência e a construção e reconstrução do conhecimento num processo interacionista de ensino.

Porém, para que esse intento seja uma realidade, cabe lançar mão novamente da importante contribuição de Morales (2003, p.56), quando aborda a relevância que o ambiente exerce sobre o desenvolvimento da aprendizagem, afirmando que este necessita ter uma atmosfera de segurança, de paz, tranquilidade e de muita alegria.

Nessa perspectiva entende-se que a Educação é uma prática social mais elevada que possibilita a inserção do indivíduo no mundo dos processos e da produção histórico-cultural da civilização. Logo, a Escola é por excelência um espaço de interações sociais que deverão ser bem mediadas pelos professores e demais co-responsáveis pela educação, a fim de se constituírem componentes

qualitativos para a consecução dos objetivos educacionais e na promoção de uma aprendizagem sociointeracionista qualitativa. Deste modo, temos a compreensão de que os processos interativos são fundamentais e influenciam no desenvolvimento da aprendizagem dos indivíduos estabelecida de maneira formal ou informal. Não se pode esquecer de reforçar em meio às interações sociais o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, tão requeridas para a promoção da cognoscibilidade e das interrelações pessoais que facilitem a vida em sociedade. Nesses aspectos, Prette e Prette (2001, p.54) destacam que:

O discurso oficial sobre os objetivos e metas da instituição escolar, preconizado e continuamente reafirmado em termos de formação para a vida e para a cidadania, já inclui, naturalmente, a articulação entre aprendizagem e desenvolvimento. O desenvolvimento socioemocional não pode ser excluído desse conjunto, especialmente quando se observa, nos dias atuais, uma escalada de violência atingindo crianças e jovens e manifestando-se, inclusive, no contexto escolar. Há, portanto, uma concordância quase unânime sobre a necessidade de aprimoramento das competências sociais de alunos, professores e demais segmentos da escola.

Nessa visão, educar as emoções das pessoas, precisamente as das crianças inseridas no contexto formal de ensino, tem sido uma preocupação cada vez maior por parte dos educadores, psicólogos e especialistas da educação dos novos tempos. Sobre os valores emocionais, o psicólogo norte-americano, Goleman (2001) desenvolveu ampla pesquisa científica no estudo das emoções e da capacidade humana de lidar com suas próprias emoções, que resultou em sua tese científica denominada de Inteligência Emocional. Na obra, o pesquisador Goleman desperta a atenção de pais e educadores para os problemas de mal-estar social que atingem principalmente os jovens e as crianças das sociedades contemporâneas dos países desenvolvidos e até mesmo em desenvolvimento, como o Brasil. Assentado numa pesquisa intensa em escolas, empresas e famílias, e em alguns dos melhores e mais reputados trabalhos na área da neurofisiologia, o autor mostra com a tese que a fórmula para o sucesso na vida repousa numa combinação bem temperada de pensamento racional agudo com controle e autoconhecimento emocional. Assim, residiria nas emoções o fator preponderante para o desenvolvimento do indivíduo.

A teoria da Inteligência Emocional vem pôr em questão certas visões estreitas que até hoje dominaram o conhecimento humano, dentre as quais destaca-

se aquela que concebe que o futuro promissor de uma pessoa está irremediavelmente determinado pelo seu alto Quociente de Inteligência (QI). Para Goleman (2001, p.46),

[...] a inteligência acadêmica pouco tem a ver com a vida emocional. As pessoas mais brilhantes podem se afogar nos recifes da paixão e dos impulsos desenfreados; pessoas com alto nível de QI podem ser pilotos incompetentes de sua vida particular.

Entretanto, há mais exceções à regra que considera o QI como fator de sucesso do que casos que se encaixem nela, salienta o pesquisador. Porém, o psicólogo analisa que, na melhor das hipóteses, pode-se considerar que o QI contribui com cerca de 20 por cento para os fatores que determinam o sucesso na vida, o que deixa os 80 por cento restantes por conta de outras variáveis. Desse modo, podemos considerar que tais variáveis sejam as que estão relacionadas às competências sociais.

Portanto, torna-se necessário identificar as habilidades sociais que podem contribuir significativamente para a promoção do sucesso das pessoas na vida, a fim de promovê-las no espaço pedagógico. A importância de se trabalhar na Escola tais aspectos foi revelada através de uma pesquisa realizada por Prette e Prette (2001), junto aos professores da rede pública, os quais apontaram as habilidades pró-sociais como sendo significativamente superiores à valorização atribuída às habilidades assertivas, cognitivas. Os pesquisadores ressaltam, ainda, que uma ampla literatura sobre o assunto tem mostrado correlação entre déficits no repertório de habilidades sociais dos alunos e suas dificuldades de aprendizagem e baixo desempenho escolar. Sendo assim, acreditamos que as habilidades sociais exercem papel fundamental na construção e reconstrução do conhecimento para alavancar a aprendizagem no contexto escolar, sobretudo como forma também de reafirmar a boa relação entre professor e aluno.

A teoria da inteligência emocional aos poucos vem influenciando uma mudança pedagógica na Escola, sem se descuidar da importância da aquisição dos conteúdos curriculares que historicamente foram construídos, e que de certa forma, têm a mesma importância no desenvolvimento do processo de ensinar e aprender. É necessário que a escola repense sobre a importância de se trabalhar nas crianças as aptidões emocionais, dando ênfase aos valores humanos, o que é altamente positivo e necessário para uma convivência social salutar que interfira na

aprendizagem escolar e da vida. A preocupação da Escola em se trabalhar os valores emocionais e cognitivos com os alunos valida a importância desses valores para afirmar o sucesso das pessoas. Observe os argumentos de Goleman (2001, p.12):

O que podemos mudar para ajudar nossos filhos? Que fatores entram em jogo, por exemplo, quando pessoas de alto QI malogram e aquelas com um QI mediano se saem surpreendentemente bem? Eu diria que o que faz a diferença são aptidões aqui chamadas de inteligência emocional, as quais incluem autocontrole, zelo e persistência, e a capacidade de automotivação. E essas aptidões devem e podem ser ensinadas às crianças, na medida em que lhes proporcionam a oportunidade de lançar mão de qualquer que seja o potencial intelectual que lhes tenha sido legado pela loteria genética.

Estudos e pesquisas já podem ser observados em torno do conceito de auto-estima, gerando assim grandes e diferentes enfoques sobre tal definição, que chega a certo consenso, primeiramente sobre o termo autoconceito, para consecutivamente chegar à concepção de auto-estima. Então, definir autoconceito como a percepção que a pessoa tem de si mesma, significa colher as informações interiores a seu respeito, avaliação que faz de seu desempenho, o que pensa acerca do próprio comportamento, aquilo que pensa ser, tanto do ponto de vista físico quanto do social e psicológico. Todo esse autoconceito procede de processos cognitivos, que se formam no decorrer de nosso desenvolvimento. Enquanto a auto-estima é o valor que atribuímos a nossas características, o sentimento de aceitação ou renúncia que acompanha essa percepção que temos de nós próprios é a resposta no plano afetivo de um processo originado no plano cognitivo, como uma avaliação feita a nosso respeito, representando o nível de satisfação que a pessoa sente quando se confronta com seu autoconceito.

Segundo pesquisas voltadas para os temas acima citados, o processo de construção da auto-estima inicia-se na infância, quando a criança internaliza seu autoconceito a partir de características que os outros lhe atribuem, da convivência social, de comentários a seu respeito, de demonstrações emocionais das pessoas mais próximas, de elogios e tratamento afetivo recebido nessa fase. A principal motivação da criança pequena é obter amor e aprovação dos pais ou das pessoas que ela considera importante, pois nesse processo a criança está construindo sua identidade. Como ressalta Moysés (2001, p.23) reafirmando que:

É lenta e gradual a aprendizagem que a criança faz sobre as referências a seu respeito. As mais fáceis de ter seu sentido apreendido são as que nascem de comentários ao seu comportamento. Assim, ao observar a situação em que foram geradas, as reações emocionais do interlocutor e a própria entonação com que são ditas, a criança vai fazendo aproximações do seu significado real, ao mesmo tempo em que vai internalizando tais comentários, até chegar a adotá-los como seus.

Daí a importância da família, pais, professores e pessoas envolvidas no processo educativo da criança, para a reafirmação da imagem que ela tem de si própria, de seu autoconceito e de sua auto-estima, pois é a partir da influência desses agentes de sua convivência que ela estabelecerá a formação de sua personalidade, juntamente com outros fatores externos, como as relações interpessoais, que servirão de referências positivas ou negativas para o processo de descoberta desses conceitos. A partir desse entendimento, podemos analisar o papel da Escola para a construção da auto-estima, mediante o fato de que há no processo ensino-aprendizagem uma relação significativa entre o autoconceito e o rendimento escolar. Assim, fica visível perceber que pessoas com percepções positivas das suas capacidades aproximam-se das tarefas com confiança e grande perspectiva de sucesso, enquanto pessoas que possuem uma imagem negativa de si próprias, apresentam menores possibilidades por estarem desmotivadas e desestimuladas frente a possíveis barreiras advindas do espaço escolar.

Essa situação oportuniza exemplificar que se uma criança, ao ingressar na Escola, já carrega consigo uma autoconfiança sobre suas potencialidades, não temerá aos desafios que aquele novo ambiente lhe apresentará, ao passo que aquela que não tem segurança de si mesmo terá maior chance de se auto-excluir do processo de construção do conhecimento, apresentando uma baixa auto-estima, e acarretando problemas de ordem afetiva e cognitiva. Como reafirma Moysés (2001, p.39) quando relata que:

[...] a criança, ao entrar na escola, já carrega consigo uma boa autoconfiança, acreditando-se capaz de se sair bem diante das dificuldades, aquele espaço não chegará a lhe causar temor. Será apenas mais um desafio. Para aquela que não tiver tanta confiança assim em si mesma, a nova situação poderá despertar atitudes defensivas. Para a criança que, no entanto, duvidar de sua capacidade de enfrentar as exigências escolares com sucesso e ostentar níveis baixos de auto-estima o novo espaço irá se apresentar como um campo de batalha e aumentar suas feridas.

Visto que auto-estima e desempenho escolar têm profundas ligações, e são interdependentes, é possível afirmar que, cada vez que o aluno repete o ano perde um pouco de auto-estima, pois deixa de acreditar que é capaz de ultrapassar os obstáculos existentes no decorrer do processo de aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessário que professores e comunidade escolar dispensem atenção especial a esse aspecto tão comprometedor na vida de nossos alunos e determinante para seu sucesso ou fracasso escolar. Embora esses educandos não tenham recebido todas as influências positivas para a construção de sua auto-estima, ainda na família, esse trabalho poderá ser realizado de forma satisfatória na Escola, respeitando o limite de cada indivíduo. E se tratando da ação educativa da Escola, é imprescindível que o professor primeiramente compreenda a importância da auto-estima como direcionamento de uma prática pedagógica comprometida com a valorização do potencial de cada educando, com a convicção de que a auto-estima se constrói no dia-a-dia, e é um processo que envolve fatores afetivos e cognitivos, que requer equilíbrio entre o meio interno e externo de cada pessoa.

Diante dessa situação, não podemos esperar que um simples elogio resgate a auto-estima de quem conviveu com a ausência de afetividade e apoio de sua família, de quem ouviu humilhações a vida toda, de quem algum dia foi ridicularizado em frente à sala de aula, ou de um aluno a muitos anos retido. Esse resgate é um processo que se dá em longo prazo, e ganha forças, positivas ou negativas. Segundo nos aponta Moysés (2001, p.89) quando ressalta que,

O fato de o aluno ter sido reprovado pode transformar o aluno em alvo de críticas e humilhações, situações frequentemente associadas ao mau desempenho escolar, que por parte da família ou mesmo dos próprios colegas contribuem para a perda da auto-estima.

Porém, se a Escola valorizar o aluno diante de suas diferenças e potencialidades, esse espaço deixará de ser um motivo de tormento e insegurança para muitos alunos, que passaram a ver o fracasso como sua principal característica e dificilmente tomam qualquer iniciativa para mudar essa autopercepção, nutrindo sentimentos de desvalia sobre si mesmo.

No entanto, à medida que os mesmos sentirem-se capazes de ultrapassar tais barreiras, atribuirão maior valor à aprendizagem, refletindo na redução do índice de evasão escolar, pois os próprios educandos terão oportunidade de perceberem

seu valor como pessoa, dentro de suas peculiaridades e limites, aumentando assim sua auto-estima, e conseqüentemente, as chances de desenvolvimento em seu processo cognitivo de aprendizagem. É oportuno recorrer a Antunes (2003, p.21) quando adverte que:

É por essa razão que a escola precisa ajudar toda criança a se autoconhecer, pois assim sentir-se-á apoiada em bases firmes sobre as quais construirá sua vida e saberá identificar o que necessita ser mudado e como realizar essa mudança.

É a partir de pequenos gestos, expressões e incentivos advindos dos educadores na relação com os alunos que esse quadro poderá ser revertido. Portanto, deixá-lo tentar, errar sem ser constantemente julgado, ter seu próprio ritmo, descobrir e redescobrir conceitos, aprender com seus erros, saber criticar com pertinência, registrar pequenos progressos em seu processo de ensino e aprendizagem, permite a este indivíduo perceber que consegue realizar algumas conquistas por mérito próprio, o que pode ser considerado um grande passo para a superação desse problema, trazendo grandes avanços no rendimento escolar, pois os mesmos alimentarão expectativas positivas a respeito de seu desempenho.

No entanto, uma questão vem constantemente impedindo que a Escola cresça enquanto espaço de construção de autoconceito positivo, que é a desvalorização dos diversos tipos de inteligência que podem ser encontradas nesse âmbito escolar, em favor dos conteúdos programáticos adotados por essa instituição. Em todos os setores da sociedade há diferenciadas personalidades, pois cada ser humano constrói identidade própria, particularidades e potencialidades distintas, como nos afirma Antunes (2003, p.9), quando relata que:

Cada pessoa é, e sempre será um verdadeiro universo de individualidade; suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem paradigma único. Se não bastasse essa extrema singularidade ser modelada por uma fantástica constelação de neurônios que jamais se duplica de forma inteiramente iguais em pessoas diferentes, cada um é portador de um código biológico, uma história particular de vida e um volume imenso de circunstâncias que evoluíram e evoluem de forma dinâmica, tornando-o absolutamente incomparável.

Baseada nessa questão faz-se conveniente que a Escola repense novas formas de ensino, a fim de que todos os alunos sejam atendidos e respeitados enquanto seres únicos. É fundamental privilegiar atividades que vão atingir outras

facetas do autoconceito, não somente as acadêmicas, assim como rever a prática pedagógica no ensino de conteúdos programáticos, valendo-se de recursos didáticos favoráveis a cada situação.

Dessa forma, a avaliação das capacidades cognitivas deixa de ser um peso tão grande e único, como ocorre na maioria das escolas, à medida que se pode avaliar o aluno em outras áreas, como no campo artístico, sociocognitivo, emocional, lingüístico, interpessoal, dentre outros, a partir de habilidades específicas, num resgate de competências que até então lhes eram desconhecidas, proporcionando que o mesmo adquira autoconfiança e orgulho de si mesmo, desfocalizando a total atenção dispensada ao autoconceito curricular padrão. Essas mudanças podem ser denominadas como início favorável para a transformação desse ambiente em um lugar de crescimento humano e não somente intelectual.

Diante de todos os aspectos aqui expostos, podemos afirmar que a formação do autoconceito e da auto-estima são construídos no dia-a-dia de cada indivíduo, a partir de experiências positivas e negativas e das relações interpessoais, e que estão diretamente ligadas a seu desempenho ou desenvolvimento do processo cognitivo. Isto implica que deve ser estudado e levado em consideração por ser um aspecto primordial para o sucesso ou fracasso escolar, e determinante para garantir a autoconfiança e estrutura para o enfrentamento de frustrações e contrariedades apresentadas no decorrer da vida.

2. A LINGUAGEM PADRÃO E A LINGUAGEM MIDIÁTICA DOS ADOLESCENTES

A tecnologia pode contribuir significativamente com a educação através de seus aparatos que se tornam atrativos para os internautas como textos, imagens, vídeos, sons, animações e outros recursos possíveis de agregar conhecimento no contexto escolar. A linguagem midiática utilizada por adolescentes consiste na interação utilizada para a comunicação até mesmo entre professor e aluno.

A linguagem das mídias (ou linguagens midiáticas) pode ser entendida como formas de representação particulares de cada mídia. Assim, há uma associação da linguagem escrita com os meios impressos; da linguagem sonora com o rádio; e da linguagem audiovisual com a televisão e o vídeo. O computador e a Internet estão associados a uma linguagem multimidiática, isto é, que adota todas as formas anteriores. Sobre essas formas de representação. (CASTRO FILHO et al, 2012:48)

Torna-se importante lembrar que a construção da linguagem verbal começa na infância antes mesmo do ingresso da criança na Escola. No contexto escolar é onde se recebe influência e traçam-se objetivos para a vida, respeitando os padrões da escrita convencional materna que interfere no desenvolvimento do fator cognitivo. A criança que vive em um ambiente desfavorável, onde não há incentivos como jogos educativos, um ambiente alfabetizado que vá despertar a curiosidade pela leitura e que dê subsídios a ela, terá mais dificuldades no desenvolvimento do aprendizado. Pois o meio em que vive é de extrema importância para despertar o interesse pela escrita e, por conseguinte o gosto pela leitura.

A importância da leitura para que a criança possa adentrar no mundo da alfabetização, fica claro a partir do ato de que alfabetizar não se restringe apenas no desenvolver da escrita, que esta não é apenas um seguimento da leitura. É importante trabalhar o interesse pela leitura desde a pré-escola para que a criança aprenda a navegar num mundo de magia que somente pode ser proporcionado pela leitura, e conseqüentemente possa interagir com o contexto educacional.

O código verbal é a linguagem que utilizamos no processo de troca para nos comunicar seja ela escrita ou oral. Logo, o código é a palavra que usamos quando falamos com alguém, lemos ou quando escrevemos. Portanto, quando

falamos com alguém ou escrevemos um texto, estamos nos comunicando através da palavra que é uma linguagem verbal. A linguagem verbal escrita pode ser considerada uma das mais pobres porque não possui o recurso da entonação da voz, porém, a linguagem escrita utilizada pelos adolescentes é uma linguagem diferenciada pelo fato de atribuírem à ela caracteres específicos que possibilitam a entonação da voz como é o exemplo das vogais repetidas e das letras maiúsculas entre as minúsculas para enfatizar a entonação da voz e para suprir a conversa face a face.

A escrita da Língua Portuguesa não é muito fácil de ser assimilada em razão de inúmeras regras gramaticais que são necessárias para a construção de textos com coesão e coerência. Observa-se que a dificuldade na aquisição da escrita é de longos anos e vem comprometendo o processo ensino aprendizagem, pois a prática de ler e escrever é fundamental e contribui decisivamente para maior compreensão do aprendizado e ampliação de novos conhecimentos. Para que um indivíduo possua um bom vocabulário é de suma importância que tenha o hábito de leitura, pois não há escrita sem leitura e por consequência a linguagem verbal. Transcrever ou copiar texto é diferente de escrever, a organização do pensamento, acontece, sobretudo, da leitura ou releitura que se faz a partir de imagens e textos de obras literárias, jornais e outras situações. A linguagem verbal se configura na comunicação que se faz no cotidiano quando se escreve, lê ou se fala com alguém. A linguagem verbal é voluntária e pode-se dizer que é mais comum no cotidiano.

A norma padrão preconizada pela tradição escolar vem sendo posta a segundo plano por grande parte dos alunos e embora esta língua padrão esteja sendo fossilizada, a Academia Brasileira de Letras persiste na idealização da mesma nas instancias institucionalizadas como aponta Silva (2004) quando menciona “os variados concursos públicos, necessários à filtragem para o mercado de trabalho e conseqüentemente ascensão social”.

O que se percebe também nas famílias brasileiras é que o hábito de contos populares, contos de fadas, fábulas, lendas, adivinhações, superstições, piadas e outros estão se distanciando cada vez mais do cotidiano das crianças e sendo substituído pelos jogos e brinquedos eletrônicos o que facilita o entretenimento desse público enquanto seus responsáveis cumprem uma jornada de trabalho extensa e árdua, o que implica no impedimento de um tempo favorável para estar com as crianças para estimular a leitura e escrita de textos. Isso pode

contribuir para a minimização de leituras significantes e confirmar o desinteresse do aluno na sala de aula pelo gosto e prazer da prática de leitura e produção textual. Nossa sociedade pertence ao mundo da escrita, ou seja, a oralidade depende da escrita como apontam Freitas e Costa (2006, p.12),

Pertencemos a uma cultura escrita, e pensar de uma forma desvinculada dela é difícil para nós. No entanto, com algum esforço, talvez fazendo uma analogia com o surgimento da informática, possamos compreender o impacto do surgimento da escrita numa cultura oral.

Com o avanço da tecnologia seria inevitável que a linguagem verbal também não evoluísse. A sociedade atual está estabelecida sob o signo das comunicações e a escola precisa ser renovada no que concerne à linguagem que permeia nos aparelhos eletrônicos usados pelos alunos. Não há tempo para mensagens complicadas que exigem um trabalho moroso de decodificação. Qualquer usuário da língua comunica e se faz entender. Isto significa que, de um modo geral, todos usamos do mesmo código ao enviar nossas mensagens. O que pode ser considerado um perigo no ciberespaço para o aluno adolescente é a quantidade de informações que é postada nesses ambientes sem a supervisão ou orientação do professor. Assim, a explosão da linguagem escrita nas mídias e tecnologias traz consigo o perigo como aponta Demo, (2002, p.137) “na sociedade do conhecimento a teleducação comparecerá provavelmente em todos os espaços educacionais, para melhor e por vezes para pior”. Essa linguagem confronta com a linguagem escrita padrão (convencional) quando o usuário/aluno se depara frente aos vestibulares, concursos públicos e outras que exigem a norma culta brasileira.

Na sociedade atual a palavra de comando é mudança e a internet veio para revolucionar a comunicação usando símbolos, grafismos e etc., o grande perigo está nas instâncias institucionalizadas como foi citado ainda pouco e a sociedade exige principalmente dos professores de Língua Portuguesa um posicionamento diante de tal situação. Em parte acredita-se que deve ser valorizada a linguagem codificada do aluno desde que haja compreensão da escrita dentro do contexto. Ocorre, porém, que já se observa a massificação das linguagens midiáticas seja por meio de mensagem via celular, *e-mail*, *Orkut* e outras redes sociais junto ao público adolescentes para facilitar a escrita verbal e conseqüentemente essas linguagens já alcançam o contexto escolar em atividades na sala de aula.

A internet ainda assusta muitos professores que ainda não aceitaram a mudança que se difunde velozmente no espaço escolar, da mesma forma como Platão agiu quando do surgimento da escrita, considerando-a como uma coisa que destrói a mente.

[...] a escrita é inumana, pois pretende estabelecer fora da mente o que só nela pode estar. Ela é um produto manufaturado, uma coisa. Não é isso que hoje dizemos dos computadores? Não temos medo dessa escrita digitalizada, da máquina através da qual está surgindo uma nova forma de escrita? [...] a escrita enfraquece a mente e destrói a memória. (FREITAS e COSTA, 2006:15)

Para que haja uma conexão entre aluno e professor na sala de aula no tocante à leitura e escrita é preciso que ambos estejam fortemente ligados no que se processa no ciberespaço. A leitura do ciberespaço é diferenciada da leitura que se faz no livro. Enquanto o livro proporciona uma leitura linear a internet apresenta-se em forma de caleidoscópio criando no leitor uma espécie de viagem por meio de hipertextos que favorecem leituras associadas conforme o seu interesse e sem seguir um encadeamento linear e único. Não se quer dizer com isto que o livro está obsoleto ou com os dias contados para desaparecerem da escola. Ele ainda é e será um instrumento de apoio para a produção do conhecimento pela facilidade de acesso e transporte do mesmo sem a necessidade de uma conexão via internet para seu manuseio. É importante fazer essa relação entre a leitura impressa e a leitura virtual para dar possibilidades de avaliar o que se tem de indispensável em cada uma delas e apontar sem dúvida que a leitura virtual fará parte do tempo vindouro dos estudantes conforme mencionam Freitas e Costa (2006, p.16),

O ciberespaço é certamente um dos futuros da leitura e da escrita, e é nessa perspectiva que para ele dirigimos nossa atenção. Mas como vamos olhar a internet e suas possibilidades de escrita? Ao analisar tudo aquilo que em nossa forma de pensar depende da oralidade, da escrita e da impressão, descobriremos que aprendemos esse novo conhecimento típico da cultura informática, com os critérios e os reflexos mentais ligados a tecnologias intelectuais anteriores. Colocar-nos nessa perspectiva, relativizar formas de pensar que perdem terreno hoje, talvez facilite a emergência do novo em um terreno fértil e preparado para recebê-lo.

Nas comunidades remotas, a maneira como se dava a transmissão do conhecimento era prático, oralmente, de pai para filho alcançando inúmeras gerações por meio deste ritual. “[...] se um velho morria, morria também uma

biblioteca". (FREITAS e COSTA, 2006: 20). Com o advento da escrita, os povos ágrafos precisaram também modificar sua forma de veicular seus saberes. Os pergaminhos e livros encarregaram-se de propagar a produção do conhecimento de determinada sociedade e as possibilidades de comunicação foram ampliadas uma vez que outras sociedades outrora orais desconheciam este conhecimento. Depois do surgimento da escrita, houve uma revolução tecnológica principalmente nos meios de comunicação com características próprias favorecendo a aproximação e a conversação entre os atores da comunicação, que da mesma forma como as sociedades orais tinham seus intérpretes das tradições orais na atualidade se tem os computadores ligados em rede universal.

A internet se destaca entre os meios de comunicação midiáticos na produção do conhecimento pelo fato de sua forma de interação com textos espiralados embora mais complexos e pela reciprocidade de comunicação em tempo real entre os internautas e ainda a atualização do conhecimento e os interesses coletivos.

Na sociedade ciberespacial, ou seja, na mídia eletrônico-digital, há o reencontro da comunicação viva, interativa, direta, contextualizada da oralidade, embora a situação e o contexto de produção comunicativos sejam mais complexos, devido a caráter coletivo. (FREITAS e COSTA, 2006, p.21).

O ciberespaço pode ser considerado como um novo paradigma para a construção do conhecimento, pela sua velocidade, por estar diante de milhares de informações do mundo todo sem sair do lugar e conhecer a pluralidade cultural, pelo seu tempo real e também pela comparação do antes e depois. Ferrara (2012, p.6) sustenta que,

O tempo da cibercultura é aquele da aceleração que vai além da velocidade porque não supõe mobilidade, mas se vive em aceleração sem sair do lugar e, no mesmo instante, as emoções de ontem podem fazer viver o amanhã. Em aceleração, tempo e espaço se sobrepõem no presente, entendido não como tempo entre o passado e o futuro, mas como continuidade de instantes aqui e agora. Na cibercultura, não há como confundir linearidade e continuidade.

Assim sendo, percebe-se que não adianta fecharmos os olhos para as questões tão delicadas e reais que envolvem essa nova concepção de linguagem verbal do homem contemporâneo. Isto porque no momento atual a escola necessita

de professores voltados para as causas da linguagem eletrônica, que estejam empenhados em analisá-la para posteriormente contribuírem juntamente com os alunos para a construção de um meio no qual prevaleça a valorização da comunicação e comparar a linguagem padrão e a linguagem do ciberespaço.

A linguagem usada pelos adolescentes recebeu a denominação de internetês por inúmeros pesquisadores, mas ainda não está contemplada no dicionário e que segundo Uonderias (2012, p.2) [...] é uma linguagem surgida no ambiente da Internet, baseada na simplificação informal da escrita, com o objetivo principal de tornar mais ágil e rápida a comunicação. Esta linguagem vem sendo disseminada nas salas de bate-papo, no celular, *e-mail* e outras redes sociais em grande escala. O maior desafio para professores é fazer com que o aluno entenda que ele não pode escrever textos na sala de aula como se estivesse nas redes sociais. É necessário que haja a compreensão da linguagem padrão exigida na produção de textos, que se deve pelo menos ter um pouco de conhecimento de sua língua para escrever textos com ideias coesas de maneira que produza uma redação com início, meio e fim.

É notório que esta linguagem já alcançou o ambiente escolar e outros espaços e não deve ser negada totalmente uma vez que transmite uma comunicação e que acima de tudo, há entendimento entre emissor e receptor.

Por isso, a sociedade – pais, professores e governantes – devem estar atentos para a importância desse espaço de interação e produção de conhecimento humano, em todas as áreas. Na área da Educação, então, nem se fala, se pensarmos principalmente nas propostas de políticas educacionais ligadas à alfabetização e ao letramento das novas gerações. Mas isso, sem idolatria. (FREITAS e COSTA, 2006, p.26).

Nessa perspectiva, entende-se que os adolescentes escrevem as palavras simplificadas com objetividade para conquistar seu espaço no grupo social que está inserido com outros adolescentes e que possibilite o seu desenvolvimento na inter-relação com os outros. É um ser em evolução e sua tendência natural é sair da mesmice e fazer parte do que está em evidência. O homem tem a necessidade de pertencer a um determinado grupo social, seja a família, a Escola, o trabalho e tantos outros, para que possa desenvolver-se integralmente.

Por isto é preciso que o professor se desprenda de velhas concepções sobre as quais os conteúdos são trabalhados na escola e adicione em sua ação

pedagógica a compreensão de que o ser humano está em constante evolução e vá em direção de uma concepção que possa construir o conhecimento utilizando a linguagem do ciberespaço. O processo de conhecimento na sala de aula precisa de descanso, regulação e renovação. Educar valorizando o avanço das tecnologias é educar no fluxo da produção e do descanso, de abrir-se e fechar-se, de expandir-se e recolher-se. Nesse sentido, a postura do professor, somada ao desafio proposto por meio da linguagem verbal da internet, transmite segurança e valorização aos alunos, possibilitando formas particulares e significativas de estabelecer vínculos com eles.

O adolescente necessita da intervenção do professor para facilitar a compreensão não somente da escrita do texto, mas de sua apropriação através da linguagem verbal da mesma forma como a criança que está iniciando seu aprendizado na escola para aprender a linguagem escrita de maneira natural não como um treinamento imposto de fora para dentro como sugere Vygotski (2007, p.145),

Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos, até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer que o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita das letras.

O desenvolvimento da capacidade de se construir a linguagem verbal, depende, dentre outras coisas, de oportunidades promovidas pelo professor, tal como a linguagem do ciberespaço no contexto escolar, respeitando as diferenças o que possibilita segurança e ascensão cognitiva. Entende-se que a característica de cada adolescente seja no âmbito emocional, comportamental, social ou cognitivo, devem ser levadas em consideração quando se organizar um trabalho em grupo.

A intervenção do professor deve ser imediata nessa transição da linguagem verbal, porque não se pode mais negar que hoje o celular é o principal recurso de acesso à internet dos adolescentes para estabelecer a comunicação e a convivência social. A intenção da simplificação dos textos que o adolescente elabora quando vai teclar com outra pessoa é para serem rápidos e curtos, sem muitas explicações, mas o que importa é a compreensão realizada na comunicação,

seja por meio de palavras, repetições de caracteres ou os *emoticons*, recurso muito utilizado por esse público.

Os enunciados nesse novo contexto caracterizam-se, portanto, por serem breves e concisos, expressos através de uma escrita geralmente abreviada, cujos aspectos normativos são de segunda ordem. Para suprir a ausência do tom de voz, gestos e expressões faciais próprias de uma interação face a face, os interlocutores desse meio eletrônico também lançam mão de outros recursos que, além de expressar sentimentos e emoções, cumprem, no espaço dos *chats*, funções de comunicação. (FREITAS e COSTA, 2006, p.55).

Dessa forma, a intervenção do professor não é para invalidar as atividades produzidas pelos alunos e sim aproveitar essa linguagem e incentivar a produção de redações em seus mais variados gêneros literários, sempre fazendo analogia com a linguagem culta e suas devidas implicações para os exames e concursos e outros que exigem uma linguagem padrão para sua realização. Quando o professor observa com atenção a dificuldade que os alunos apresentam em produzir textos em conformidade com a Língua Portuguesa e acostumados com a linguagem da internet, é importante que ele analise com cuidado essas diferenças e individualidades, ressaltando o valor que possuem, fazendo com que se sintam mais humanos, penetrando no interior da alma, como aponta Esclarín (2006, p.7), “nós, educadores, temos vocação de parteiros da alma, ajudamos a nascer a pessoa possível que se esconde na semente de cada um. Se os pais dão a vida, nós, educadores, somos chamados a dar sentido às vidas.” Assim, o aluno está na sala de aula tanto para aprender conteúdos curriculares como também para entender o significado da vida, ou seja, tornar-se sujeito de sua ação.

O papel do professor não deve ser de repressor no tocante a escrita e leitura que faz o aluno na tela do computador e do celular, mas de auxiliador e mediador da capacidade da leitura e escrita do adolescente. Essa nova linguagem caracteriza seus usuários em uma sociedade que sente a necessidade de se comunicar de maneira diferenciada da estabelecida pela escola. Dessa forma, compreende-se que a linguagem da internet não pode ser considerada como uma inimiga da escola que vai diminuir as possibilidades de leitura e memorização dos adolescentes.

O pano de fundo desta tendência é a emergência de uma sociedade móvel e conectada, com uma variedade enorme de fontes de informações e meios de comunicação. Além disso, nota-se uma forte campanha em torno da

necessidade de as pessoas estarem sempre conectadas, prontas a estabelecer novas interações sociais. (PADRON, 2012, p.1).

Apesar da leitura da internet ser considerada uma leitura que demonstre distração ao leitor por meio das animações presentes nos sites, ela criou no aluno outro tipo de leitura como já foi citado antes, isto é, a leitura agora deixou de ser linear como é no livro e passou a ser um texto móvel em forma de espiral e com várias facetas ligadas aos hipertextos. A tarefa da escola é adequar-se as novas tecnologias e redefinir as propostas curriculares.

A escola terá, então, que pensar as áreas disciplinares para as quais o uso do hipertexto será mais adequado que o texto tradicional linear. Talvez os hipertextos venham efetivar a implementação da transdisciplinaridade nas escolas, montando-se, por exemplo, hipertextos na Literatura, na História, na Geografia, nas Ciências, etc. Assim, nossos alunos teriam desenvolvidas, ampliadas, melhoradas suas competências (meta)cognitivas e (meta)lingüísticas de / para um novo tipo de leitura e escrita. (FREITAS e COSTA, 2006, p.43).

Enfim, todas essas considerações devem ser revisadas e ampliadas de maneira que a escola não só acompanhe o avanço das tecnologias que se fazem presente na sala de aula, mas favoreça sua implementação em seu contexto para incluir os adolescentes que fazem uso da linguagem midiática. Assim como a linguagem não vem pronta quando do nascimento do indivíduo, o aluno também não vem de casa preparado para lidar com os desafios da sala de aula. Portanto, cabe aos professores a escolha de aprimorar, ou não, esse educando através de sua prática pedagógica com o intuito de estabelecer equilíbrio entre a escrita padrão e a escrita utilizada por ele, enriquecendo e melhorando sua linguagem verbal. Cabe ressaltar, ainda, que os diálogos entre o professor e o aluno proporcionam momentos de discussão, levando, posteriormente, à tomada de decisões que implicam no acordo mútuo entre as partes.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa ora em apreço tem como tema “A escrita, o código verbal e as linguagens midiáticas na perspectiva do professor e do aluno do ensino fundamental” consistiu em observar e investigar a linguagem decorrente da utilização da internet e celular no processo ensino aprendizagem e intervenção do professor no espaço de sala de aula, na Escola Estadual Rivanda Nazaré, precisamente vivenciadas na 8ª série do Ensino Fundamental, turma 821, por considerar que os alunos desta série já apresentam um relevante nível de desenvolvimento sociocognitivo, que possibilitaram uma melhor interpretação e comparação de suas vivências socioeducativas. A Escola oferece o Ensino Fundamental de 3ª a 8ª série, Ensino Médio Inovador, Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Especial.

A escolha da escola-campo justificou-se por possuir uma clientela de alunos de classe socioeconômica média e pobre, identificada *in loco*, desde o ano de 2008 onde a pesquisadora desenvolve a sua atividade docente na referida escola. Parte dessa clientela, segundo observação, depoimentos de professores da escola e de dados constantes no Projeto Político-Pedagógico da escola (AMAPÁ, 2010) apresenta uma multiplicidade de problemas que interferem sensivelmente no seu desenvolvimento social e no processo ensino-aprendizagem, o que despertou o interesse da pesquisadora em investigar junto a esse público, a problemática da linguagem utilizada na internet e celular via mensagem de texto que, quase sempre, é relegada no processo educativo escolar. Tal escolha justificou-se ainda, por a Escola desenvolver uma proposta pedagógica norteada nos princípios de uma moderna visão de educação que visa à formação integral do homem, numa contextualização com a realidade que o cerca. (AMAPÁ, 2010).

Na investigação foi considerada uma amostra representativa da população em estudo, ou seja, 30 alunos do total de 32 que compunham a turma de 8ª série da escola, o que correspondia a 94%. Quanto aos professores que atuavam nessa turma, a pesquisa abarcou 50%, já que eram em número de dez, todos educadores do Quadro de Professores da Rede Estadual de Ensino, graduados em Língua Portuguesa, Biologia, História, Geografia e Educação Física, os quais

exercem a atividade docente há aproximadamente dez anos. A amostra foi convenientemente selecionada na forma aleatória simples, na tentativa de compensar erros amostrais e outros aspectos relevantes para a representatividade e significância da amostra. A forma da escolha significa que cada membro da população em estudo tivesse a mesma probabilidade de ser escolhido. (Lakatos; Marconi, 1991, p.224). Na implementação do processo de desenvolvimento da fase de campo, a pesquisadora realizou visita à escola para encontros com professores e alunos da turma pesquisada, com o intuito de estabelecer interações que favorecessem a construção de amizade, confiança mútua, e ainda, para sensibilizá-los quanto ao envolvimento com a pesquisa, de forma solidária e responsável.

A pesquisa deteve-se em investigar a instigante problemática levantada pela pesquisadora, definida por identificar que fatores têm levado os educadores, em sua prática pedagógica, a relegarem a linguagem verbal dos meios midiáticos, mesmo sendo necessários para o favorecimento da aprendizagem? Qual tem sido a reação dos alunos diante da nova linguagem verbal do ciberespaço quando presenciada na sala de aula? Sendo assim, o que a Escola tem feito para efetivar tal reconhecimento na prática do dia-a-dia escolar e social dos indivíduos?

Portanto, o percurso da linha de investigação do problema de pesquisa consistiu em investigar a prática pedagógica dos professores de 8ª série da escola-campo, a fim de identificar qual a visão dos professores em relação à língua materna e a linguagem midiática no contexto escolar. Por que o professor enfatiza os aspectos cognitivos em sala pautados apenas na língua padrão? Uma das respostas possíveis referiu-se ao confronto dessa nova linguagem com a linguagem escrita padrão (convencional) quando o usuário/aluno se depara frente aos vestibulares, concursos públicos e outras que exigem a norma culta brasileira.

Vale ressaltar que a problemática que norteou a pesquisa foi levantada, *a priori*, pela percepção da pesquisadora desse trabalho, em suas vivências pedagógicas, da reclamação de professores que atribuem notas e conceitos mais baixos aos alunos que fazem uso da linguagem que utilizam na internet e em suas atividades escolares. Ao adentrar no Curso de Mídias na Educação me coloquei diante da possibilidade de discutir a problemática, visando buscar alternativas que pudessem contribuir para a solução do problema. Porém, antes de suscitar as discussões, percebi que estava envolvida com a problemática, ou seja, aos poucos ia vivenciando em meio às atividades do curso, agora na condição de aluna,

situações da linguagem escrita simplificada e abreviada principalmente em atividades postadas no Fórum e conversas no chat, eram lidas, acrescentadas, comentadas e avaliadas pelos tutores sem penalização aos professores cursistas. A partir de então, selei a decisão de pesquisar o problema no contexto escolar, considerando que em qualquer situação de convivência social, e em especial a da Escola, independentemente do nível de ensino, o ser humano deve ser respeitado e validado numa dimensão integral: corpo, mente e espírito, visando ao desenvolvimento pleno do indivíduo. Uma das respostas possíveis à problemática levantada, considera que o professor, no exercício da prática pedagógica, subestima a importância que essa comunicação tem para o adolescente em sua aprendizagem e não faz um paralelo entre as duas linguagens, a padrão e da internet, estabelecendo limites para seu uso.

Nesse sentido, é necessário que a Escola reveja a sua função social— que além de preparar o aluno para a inserção social, com vistas ao mercado de trabalho, preocupe-se também em desenvolver nos educandos habilidades e capacidades para a subjetividade da linguagem escrita para melhor conviver em suas relações intra e interpessoais. E o professor, enquanto co-responsável pela formação dos alunos, deverá criar condições apropriadas para a aprendizagem, com o propósito de respeitar a linguagem escrita interpessoal e intrapessoal do aluno, conhecer o seu contexto, aceitar e desenvolver estratégias de ensino. Nessa visão, estabeleceu-se a justificativa da pesquisa, a qual centrou-se em analisar e entender a real situação que envolve os alunos na rede de relações no tocante a nova forma de elaborar a escrita, utilizando caracteres especiais e de transmitir emoção mesmo não estando face a face.

Na implementação da pesquisa, as fontes de aquisição das informações e levantamento de dados estiveram centradas na pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Sobre a bibliografia, constituiu-se numa preciosa fonte de informação, por apresentar dados já estudados, elaborados e publicados acerca do assunto pesquisado. A pesquisa bibliográfica é de grande importância para a construção dos raciocínios, servindo de base para análises, significados e conclusões sobre um fato ou fenômeno estudado, tal como aponta Santos (2002, p.29) ao destacar que “a pesquisa com base em uma bibliografia deve encabeçar qualquer processo de busca científica que se inicie”.

No levantamento da coleta de dados, foram aplicados questionários aos sujeitos pesquisados, cujos modelos padronizados encontram-se nos Apêndices A e B deste trabalho. O questionário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo pesquisado, sem a presença do pesquisador. (Lakatos; Marconi, 1991, p.201). Na coleta de informações foi utilizado o método qualitativo e quantitativo, com predominância qualitativa na medida em que os dados priorizados estão voltados para a linguagem verbal utilizada no ciberespaço e sua importância na produção de conhecimento no contexto do espaço pedagógico. Na abordagem qualitativa os fenômenos detectados e suas causas foram analisados criticamente na busca de compreendê-los pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais da pesquisadora, quando necessário, foram essenciais na análise e compreensão dos fatos. O método de abordagem quantitativa foi utilizado na descrição matemática, como uma linguagem para descrever as causas de um fato ou fenômeno observado no mundo real, que através de demonstrações estatísticas foram comparadas com o modelo teórico apresentado. (Teixeira, 2001, p.123-124). É importante a utilização dos métodos qualitativo e quantitativo na coleta de informações para fundamentar a construção de uma ou mais respostas para os questionamentos citados na problemática da pesquisa.

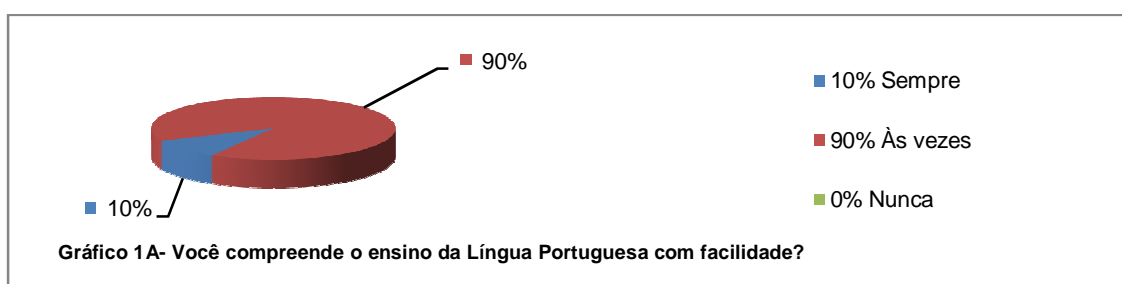
Os resultados foram analisados e interpretados sob o olhar da pesquisadora, numa estreita correlação com suas experiências pessoais e profissionais, e ainda comparados à luz do referencial teórico, como sugerem Lakatos e Marconi (1991, p.168), para obter resposta às indagações e estabelecer relações entre os dados obtidos e a hipótese formulada.

A pesquisa procurou, com essa investigação, alcançar o seu objetivo geral que foi o de envolver o aluno a fim de uma consciência da função social da escrita social, como eixo norteador, visando o desenvolvimento de habilidades e competências no educando. A descrição dos resultados da investigação junto ao público-alvo da pesquisa é demonstrada sistematicamente, correspondente à abordagem metodológica adotada, consistindo na utilização de gráficos estatísticos com a análise e interpretação dos dados. Doravante apresentam-se os resultados obtidos junto aos docentes e discentes, demonstrando assim, a percepção deles em relação ao tema pesquisado.

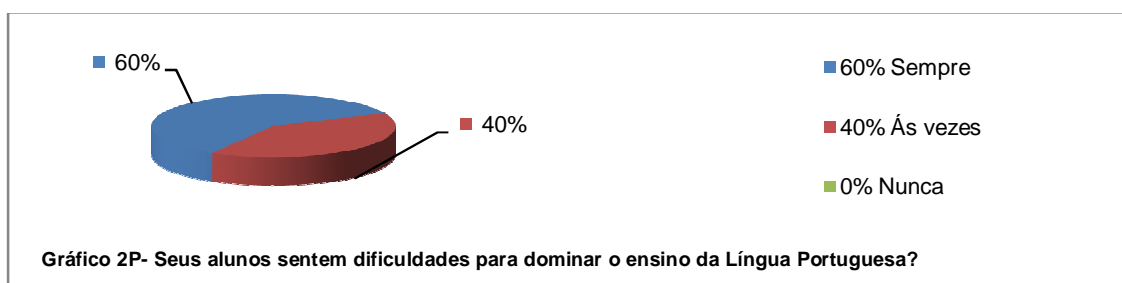
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

- *Pesquisa junto aos alunos e professores.*

A Educação atual busca, dentre os vários desafios, formar o ser humano, que é gigante e único enquanto pessoa. É sabido que o espaço formal para a construção do conhecimento é também, por excelência, espaço de construção de pessoas, de amizades e de novas formas de se comunicar. Daí considerarmos a sala de aula um lugar de relacionamentos construídos entre os agentes da aprendizagem. Nesse sentido, falamos especialmente da comunicação que conduz o aluno na relação virtual, na qual o modo como se dá essa linguagem eletrônica pode fazer diferença para o crescimento cognitivo e socioafetivo dos educandos. Com o intuito de identificar e refletir algumas dessas construções vivenciadas entre alunos e professores é que apresentamos os resultados da pesquisa realizada com a população em estudo, ou seja, 30 alunos do total de 32 que compunha a turma de 8ª série e 05 professores da Escola Estadual Rivanda Nazaré da Silva Guimarães, no ano letivo de 2012. No levantamento da coleta de dados foram aplicados questionários aos sujeitos pesquisados, cujos resultados foram analisados sempre fazendo analogias entre as respostas de professores e alunos (Gráfico A: aluno e Gráfico P: professor) e que são apresentados nos gráficos a seguir:



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

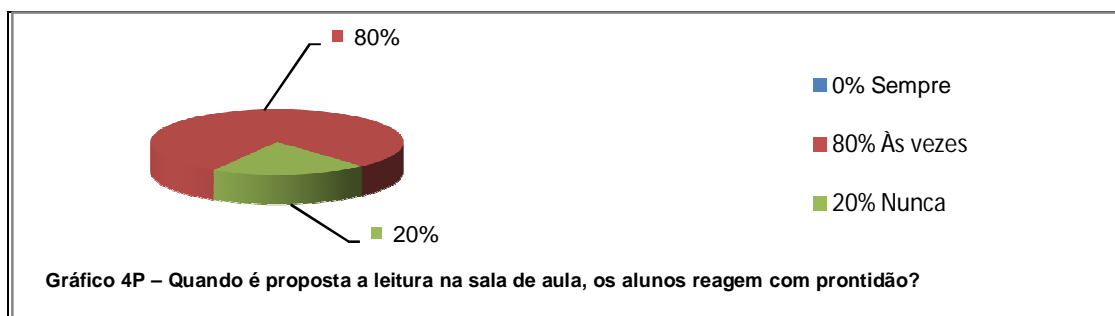
O percentual de 90% obtido na afirmação dos alunos que às vezes compreendem com facilidade o ensino da Língua Portuguesa remete a uma reflexão do letramento que cada criança traz consigo ao adentrar na escola e que muitas vezes não é levado em consideração pelos professores e ao longo dos anos os alunos ficam sem saber o real significado da linguagem verbal. O percentual de 60% apresentado no gráfico 2P tem reflexo altamente positivo quanto à resposta dos alunos, permitindo constatar que a maioria dos docentes que respondeu o questionário considera insatisfatório o domínio da Língua Portuguesa pelos alunos. Tal constatação pode estar respaldada no método utilizado pelo professor para o processo de leitura e escrita quando do ingresso do aluno na escola, que apresenta textos distantes de sua realidade o que dificulta a compreensão da linguagem bem como função social. Conforme Santos (2012:6),

Os textos privilegiados na escola também são outro fator que muito deixa a desejar, para quem busca um nível de letramento que de fato favoreça seu desempenho na sociedade de forma mais ampla. Tanto os textos usados para leitura, bem como os solicitados na produção escrita do aluno, são, na maioria das vezes, textos externos a seu contexto vivencial. Textos vivos, isto é, textos que reflitam de alguma forma a realidade do aluno, até pouco tempo, pouco eram empregados no ensino-aprendizagem de português. A atividade de produção escrita privilegiada na escola pouco propicia ao aluno a expressão de suas verdadeiras intenções comunicativas ou de manifestação de seus conhecimentos de mundo ou mesmo escolar, no processo de construção ou ampliação do saber científico. Daí talvez a apatia do aluno tanto na prática da leitura como da escrita.

Por outro lado, tem-se 10% dos discentes que afirmaram compreender sempre com facilidade a Língua Portuguesa. É provável que estes alunos tenham ambientes familiares favoráveis para auxiliar seu desempenho na tarefa de aprendizagem na escola e na sistematização do conhecimento. Como se pode observar é um número inexpressivo em relação aos que tem dificuldades para aprender dominar a língua materna. A mediação do conhecimento na escola deveria acontecer respeitando-se a cultura que cerca a clientela escolar para que ela compreenda cada conteúdo de forma contextualizada, assim como o significado de cada palavra fazendo um paralelo entre o saber escolar e o saber anterior que se traz para a escola.



Fonte: Dados da pesquisa



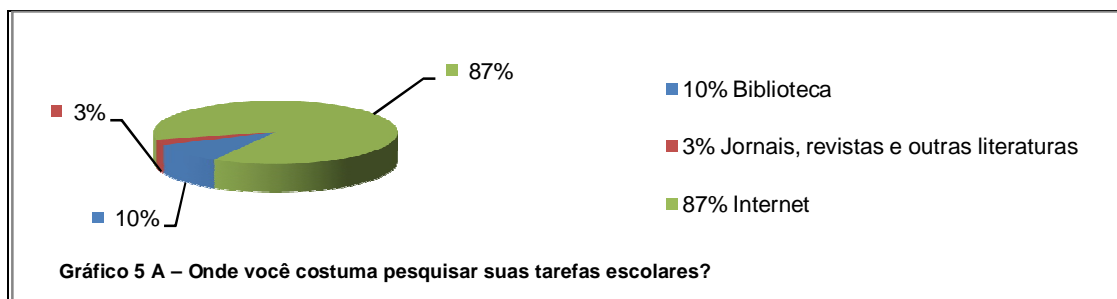
Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 3A apresentou resultado desfavorável (57,%) o qual informou que às vezes em sua casa se compra livros o que pode dificultar a materialização da leitura e escrita. Esse resultado comparado ao gráfico 4P onde apontou 0% das respostas dos professores indicando que a leitura quando proposta na sala de aula não é aceita com prontidão pelos discentes, pode ser o reflexo da ausência do livro pela grande maioria dos alunos no ambiente familiar.

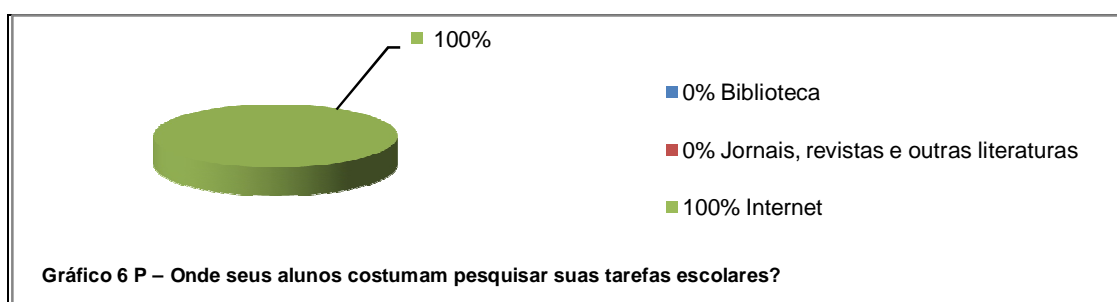
Sabemos que as oportunidades de exposição das crianças das camadas populares à leitura são mais reduzidas em consequência de viverem em ambientes em que a leitura e a escrita não constituem instrumentos importantes, nem para o trabalho nem para a diversão, enquanto as crianças das camadas dominantes vivem em ambientes de alta valorização da leitura e da escrita. (NUNES, 2001, p.99)

Conforme a citação acima nota-se que a leitura e a escrita vai além da sala de aula, ou seja, deve ser incentivada pela família como, por exemplo, os contos infantis, leitura de jornais e revistas e até mesmo o ato de ler e escrever cartas e bilhetes que atualmente está ficando obsoleto. O percentual de 23% de alunos que responderam que nunca se compra livro em sua casa garante um equilíbrio com a afirmação dos professores (20%) que os alunos nunca reagem com

prontidão quando a leitura é proposta para a turma. Porém, na opinião de 20% dos discentes, afirmou que sempre seus familiares compram livros, o que leva a entender que embora se tenha o incentivo de leitura em casa, a escola pode não estar dando continuidade para esse tipo de leitura viabilizada no seio familiar.



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

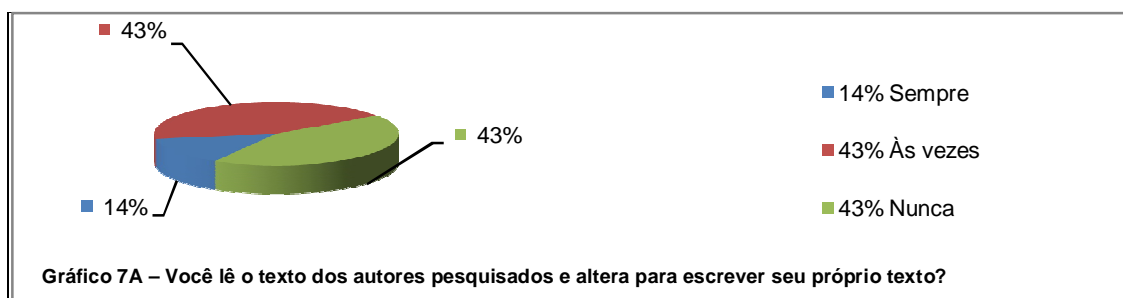
Os resultados do gráfico 5A revelaram que a maioria dos discentes (87%) utiliza a internet como ferramenta de pesquisa no atendimento às suas necessidades escolares. Os dados apontaram para uma possível compreensão de que tais resultados advêm da facilidade de acesso à internet que os alunos possuem na escola, casa de acesso (cyber) e em suas próprias residências. Quando se observa a apuração de 100% do gráfico 6P, que expressam que a internet é a fonte de pesquisas dos adolescentes, fica explícita que esta é uma ferramenta de grande importância no contexto escolar e que oferece uma ampla leitura aos alunos estabelecendo velocidade e continuidade nos textos.

No entanto, a pesquisa revelou que 10% dos alunos fazem sua pesquisa na biblioteca da escola e 3% que representa um aluno, ainda utiliza os jornais, revistas e outras literaturas, o que não significa o descarte da mídia impressa, os

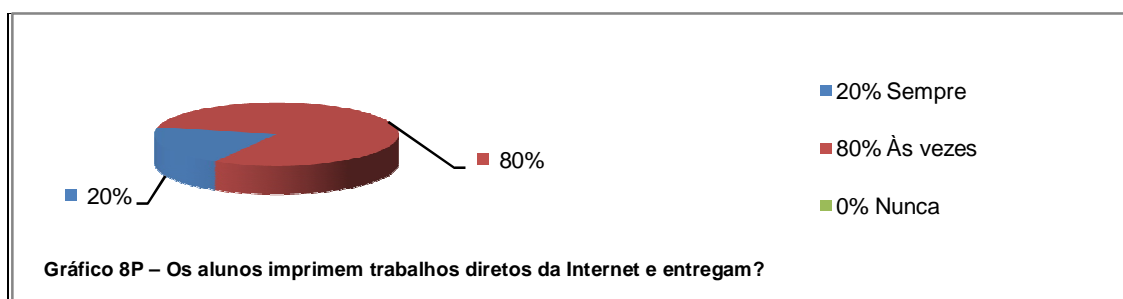
livros continuam vivos e possuem sua função específica aos leitores. Freitas (2006, p.31) sustenta que,

O texto eletrônico é uma nova e importante revolução porque o que muda hoje é a estrutura mesma do texto que passa a ser lido ou escrito num novo objeto. [...] o livro e a leitura continuam vivos, pois o que está sendo veiculado pelas redes eletrônicas são textos. Assim como tivemos a tábua, o rolo, o códice que durou séculos, temos agora a tela.

Muitos dizem que a era do livro está passando em razão da revolução digital e a gama de textos disponíveis na internet o que torna mais fácil o acesso aos textos e ao próprio livro postado em extensão PDF (Formato de Documentos Portável). Conforme a citação acima, o que muda é o ambiente onde se faz a leitura, o livro continuará resistindo a tecnologia, a internet é uma grande aliada para manter viva a cultura escrita.



Fonte: Dados da pesquisa



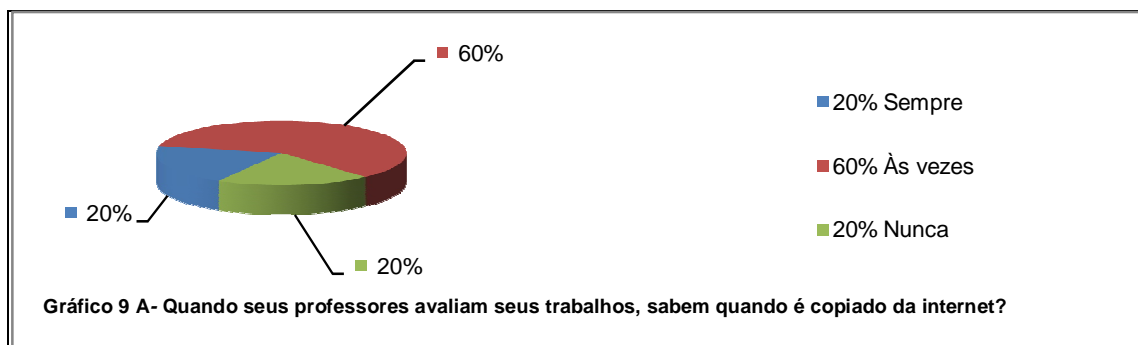
Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 7A mostrou um baixo índice dos alunos que lêem texto da internet e posteriormente escrevem seu próprio texto (14%) o que é contraditório com a resposta do gráfico 8P, quando nenhum professor defende que os alunos nunca imprimem textos diretos da internet, ou seja, conforme resposta dos docentes

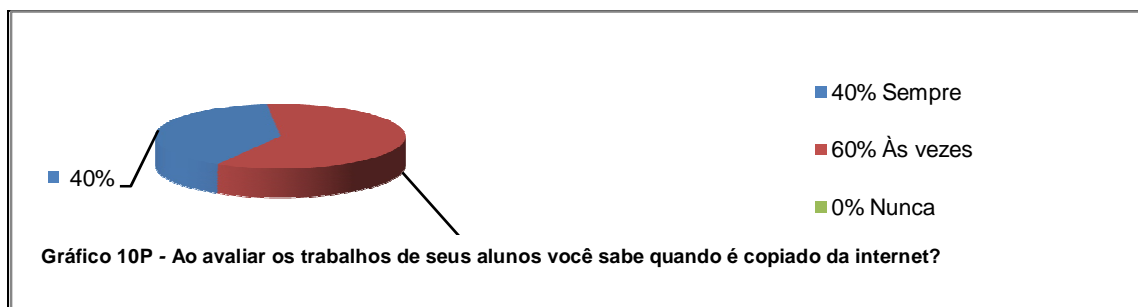
os alunos ainda não têm o hábito de serem autores do próprio texto. Vale ressaltar que a internet é uma ferramenta para auxiliar e fortalecer o conhecimento e não para copiar e colar trabalhos já produzidos por outros internautas e serem impressos e entregues aos professores. O percentual de 43% de adolescentes que nunca escrevem seu texto reforça a resposta dos professores para tal questão.

A tecnologia tem beneficiado, e muito, professores, alunos e pesquisadores a obter e expor mais informações. O caso mais comum é a internet. Útil na divulgação e aquisição de textos, a web passou de amada para odiada para os professores no tocante aos trabalhos direcionados aos alunos. Os estudantes, que antes tinham nos livros, revistas e artigos como a base para suas pesquisas, agora estão simplesmente copiando e colando textos da web para seus trabalhos acadêmicos, fato que preocupa educadores e caracteriza uma atitude ilegal por ser um plágio. (ANTUNES, 2012)

O autor acima, alerta aos professores a observarem com cuidado o que o aluno está pesquisando e trazendo para a sala de aula. Ele é o mediador para a obtenção do conhecimento e não pode simplesmente validar as pesquisas trazidas transcritas da internet, mas deve fazer uma comparação entre a produção do aluno na sala de aula e a produção extraclasse para que o aluno não se torne um plagiador.



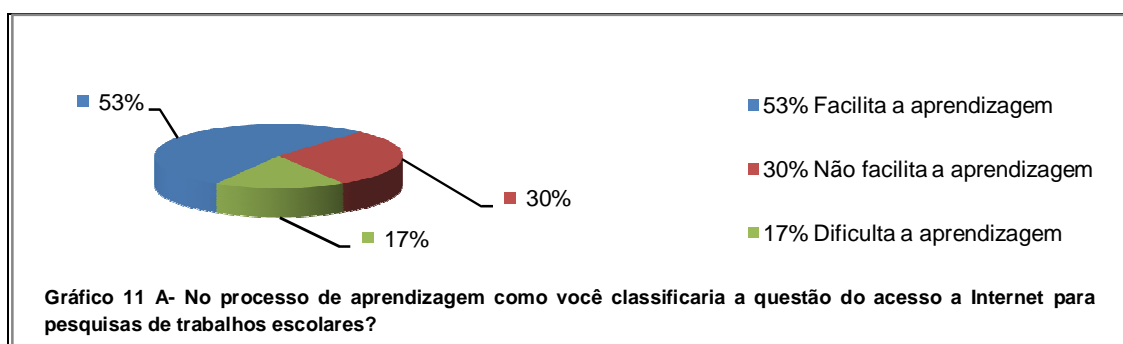
Fonte: Dados da pesquisa



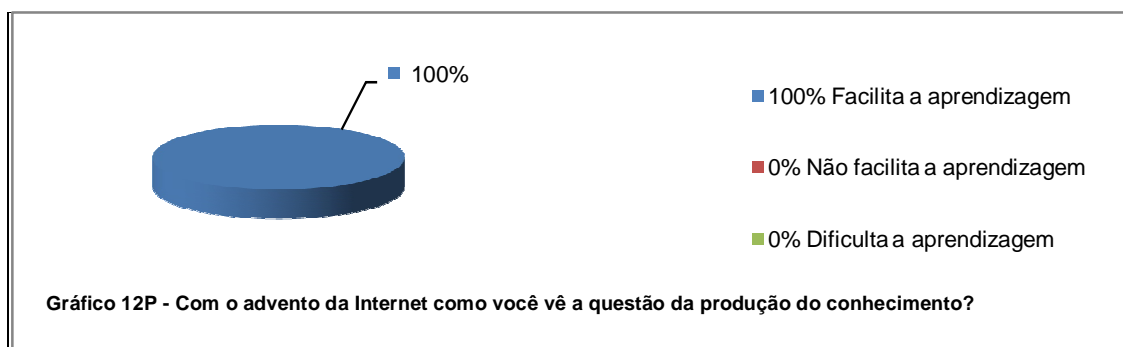
Fonte: Dados da pesquisa

É surpreendente o percentual de 60%, obtido no gráfico 9A, quanto à avaliação de trabalhos feita pelos professores que às vezes sabem quando é copiado da internet e que é confirmado no gráfico 10P dos professores com o mesmo percentual. Entende-se que muitos docentes contribuem para que esta prática aconteça ou por atribuir somente a nota devida pela pesquisa ou por não ter acesso à internet ou ainda a omissão da fonte pesquisada pelos alunos, que é um dos elementos pós-textuais que compõem um trabalho escolar e deve ser orientado pelos docentes.

Por outro lado, o resultado de 20% do gráfico 9A que aponta que sempre os professores sabem e 40% do gráfico 10P que sustentam que sabem quando seus alunos imprimem textos diretos da internet comprovam que já há um conhecimento e uma preocupação para com tal prática. É importante que os professores estimulem seus alunos a utilizarem a internet como fonte de pesquisa para a elaboração de suas atividades escolares e orientem para que citem a fonte pesquisada de maneira que não se configure em plágio.



Fonte: Dados da pesquisa

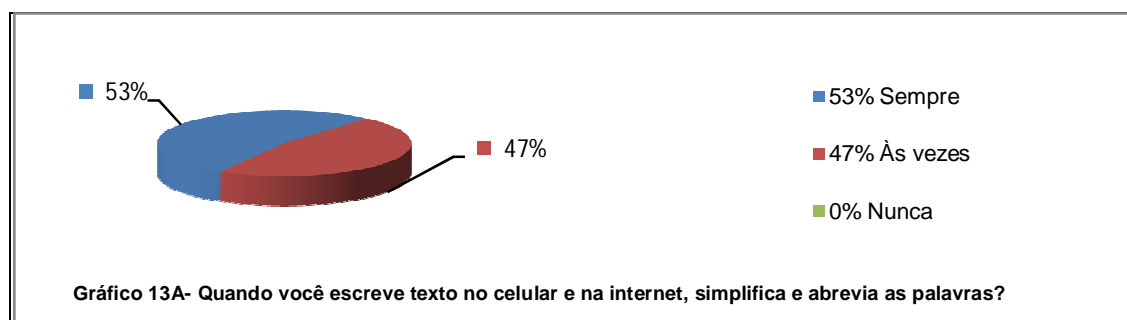


Fonte: Dados da pesquisa

Os dados do gráfico 11A indicaram que a percepção dos discentes em relação ao acesso à internet para a pesquisa de trabalhos é positiva quando 53% dos pesquisados consideraram que a internet facilita a aprendizagem. O indicativo apontado sugere que a internet se tornou uma ferramenta indispensável para a elaboração de trabalhos escolares e para a comunicação. Esses dados vêm ao encontro da resposta dos professores no gráfico 12P, quando por unanimidade (100%) responderam que a internet facilita a aprendizagem. Deste modo, considera-se que com o advento da internet houve uma contribuição diretamente para o processo de ensino-aprendizagem tanto no tocante a pesquisa dirigida aos alunos quanto no que se refere ao uso de blogs, e-mails, sala de bate-papo e outras ferramentas que propiciam a mediação do conhecimento.

A aprendizagem estava muito voltada só para conseguir notas, ver quem chegava primeiro. Dentro dessa visão — que não se dá apenas com a tecnologia, mas também na sala de aula comum —, a proposta é colocar a interação na prática. Hoje temos a possibilidade de os alunos participarem de ambientes virtuais de aprendizagem, tanto de uma forma simples, publicando um trabalho em uma página, quanto criando debates, fóruns ou listas de discussão por e-mail. Cada escola e cada professor, dependendo do número de alunos que ele tenha ou da situação tecnológica em que se encontra, pode buscar soluções mais adequadas. (MORAN, 2012:3)

O resultado apontado no gráfico 11A de 30% de alunos que afirmou que a internet não facilita a aprendizagem e de 17% que indicam que ela dificulta a aprendizagem pode estar atrelado à resposta do gráfico 7A quando 43% dos discentes atestam que nunca alteram o texto pesquisado na internet para escrever seu próprio texto o que pode dificultar a aprendizagem. Esses dados levaram a entender que os alunos precisam de um acompanhamento dos professores para identificar se a pesquisa está sendo retirada diretamente da web e entregue a eles como se os adolescentes fossem os autores.

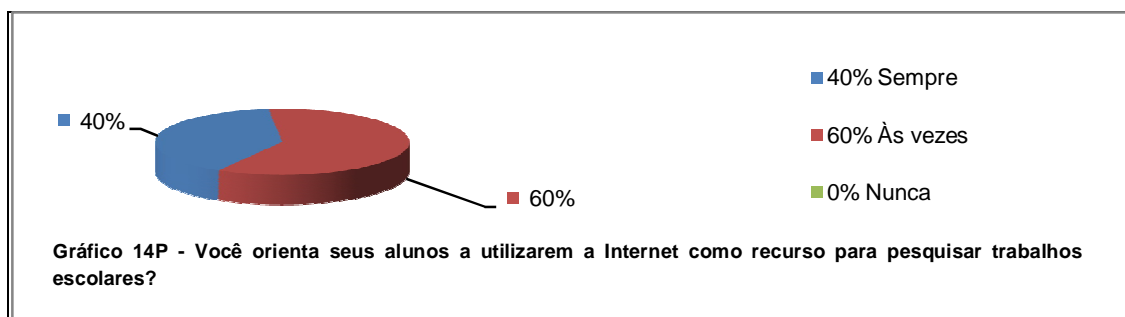


Fonte: Dados da pesquisa

O resultado do gráfico 13A é altamente positivo quando 53% dos alunos responderam que sempre abreviam ou simplificam as palavras ao escrever mensagem de texto na internet e no celular como forma de reduzir o tamanho do texto e a agilidade em enviar para economizar tempo. Na sociedade atual a palavra de ordem é mudança e a internet veio para causar notável revolução principalmente na comunicação usando formas peculiares de escrever com símbolos e grafismos e por essa razão os adolescentes empregam no diálogo as simplificações e abreviações para que sua mensagem seja efetivada com velocidade. Ao analisar conversas de adolescentes em *chats*, Freitas e Costa afirmam:

Os enunciados nesse novo contexto caracterizam-se, portanto, por serem breves e concisos, expressos através de uma escrita geralmente abreviada, cujos aspectos normativos são de segunda ordem. Para suprir a ausência do tom de voz, gestos e expressões faciais próprias de uma interação face a face, os interlocutores desse meio eletrônico também lançam mão de outros recursos que, além de expressar sentimentos e emoções, cumprem, no espaço dos *chats*, funções de comunicação. (2006, p.55)

Notou-se que essa nova linguagem já faz parte da turma pesquisada quando se observou que 47% dos alunos responderam que às vezes escrevem textos resumidos para acelerar a comunicação, ou seja, embora com menos frequência, mas fazem uso da linguagem abreviada e simplificada.



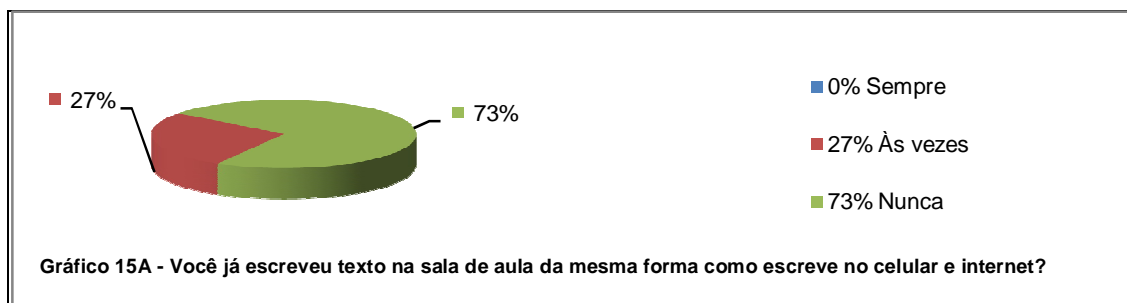
Fonte: Dados da pesquisa

O resultado de 40% no gráfico 14P informou que sempre os professores orientam seus alunos a pesquisarem na internet e 60% que só às vezes fazem essa orientação. Esses dados apontaram para várias questões, como por exemplo, a maioria dos professores resiste à tecnologia e os novos métodos de aprendizagem, certos professores têm receio que os alunos por meio da internet aprendam além do

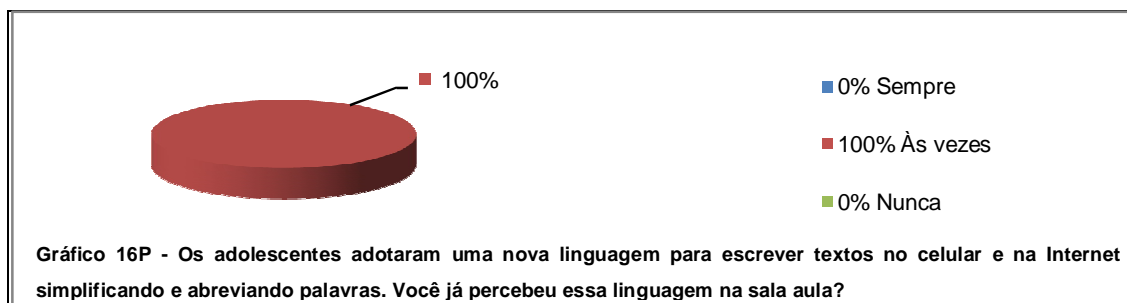
que o professor sabe ou ainda temem pelo ato de copiar e colar da internet sem uma prévia leitura do texto.

O professor, desde que surgiu o livro, sempre teve um pouco de receio de que o aluno aprendesse outras versões além da dele. Só que hoje você tem muitas outras formas de informações em qualquer mídia, e a Internet agrava ainda mais a sensação de que o aluno pode encontrar informações que o professor não tem. Para o professor inseguro, é uma espécie de desafio encontrar uma prática que não seja a do controle. A tentação desse tipo de professor é fechar em cima de uma única versão. (MORAN, 2012, p.5)

Conforme dados coletados, o percentual de professores que sempre estimulam seus alunos pesquisarem na internet corresponde aos que exercem a docência há cerca de oito anos em média e que têm visões variadas para ampliar a construção do conhecimento e que reconhecem que não têm respostas para tudo e recorrem juntamente com seus alunos aos meios tecnológicos dando possibilidades de aprendizagem mesmo fora da sala de aula.



Fonte: Dados da pesquisa



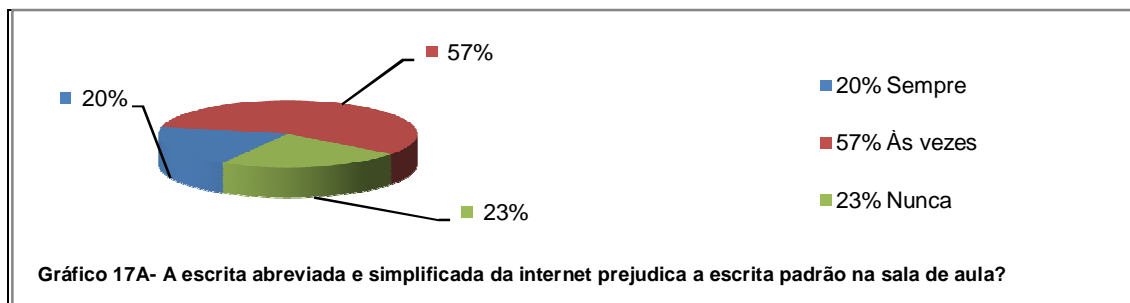
Fonte: Dados da pesquisa

Verificou-se no gráfico 15A que um percentual de 27% de alunos admitem que às vezes já escreveram textos simplificados e abreviados na sala de aula e um percentual significativo (73%) que revelaram que nunca escreveram. Isto leva a

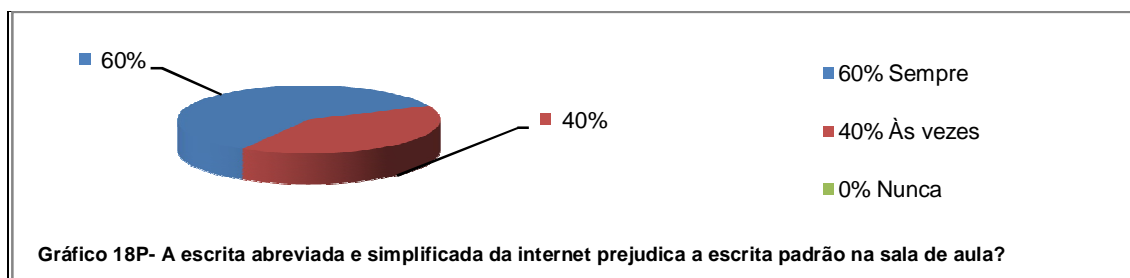
acreditar que apesar da prática que os adolescentes adotaram no espaço virtual e do crescimento dessa linguagem ter sido muito rápido, eles não estão contaminados por ela. Os professores se preocupam com esse novo dialeto, os quais foram unânimes no gráfico 16P que somente às vezes percebem textos escritos de maneira simplificada e abreviada nas tarefas escolares, garantindo assim, que a linguagem formal sobrepõe a linguagem virtual na sala de aula.

[...] para que o aluno faça uso desta linguagem no ambiente adequado, a prática pedagógica deve estar centrada nos gêneros textuais, pois a partir deles o aluno entende que cada situação de comunicação exige gêneros específicos de linguagem, devido aos seus objetivos específicos. Sendo assim, a prática discursiva do aluno adequará o gênero à função a que se destina e ele não usará o internetês fora do contexto das redes sociais, pois compreenderá que o estilo de linguagem não é adequado em situação fora de tal condição. (FERNANDES, 2012, p.1)

O papel do professor não deve ser de preocupar-se com a expansão da linguagem virtual, mas de intervir juntamente aos alunos e apontar onde esta linguagem deve ser utilizada. Com a inserção do acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), o letramento digital oportuniza aproximar o aluno das diversas linguagens fazendo dele produtor de conteúdo.



Fonte: Dados da pesquisa



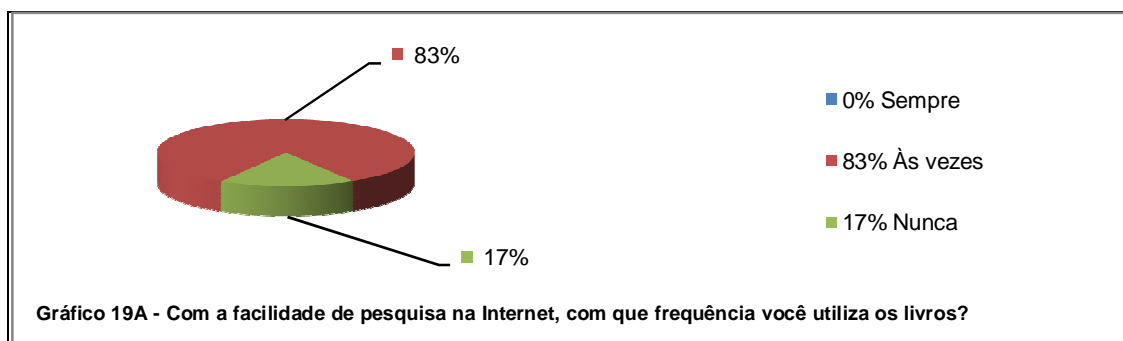
Fonte: Dados da pesquisa

Quando se fala em linguagem informal principalmente a digital, muitos professores temem pela falência da língua culta no meio acadêmico. Quando se observa o gráfico 18P, um percentual de 60% dos docentes avalia que sempre a escrita digital prejudica a escrita padrão na sala de aula e 40% afirmam que isso só acontece às vezes. Já no gráfico 17A, uma minoria dos discentes (20%) concorda que sempre prejudica. Nota-se que a concepção dos que escrevem em ambiente digital (57%) é de que às vezes a linguagem culta fica prejudicada e 23% dos adolescentes dizem assertivamente que nunca prejudica.

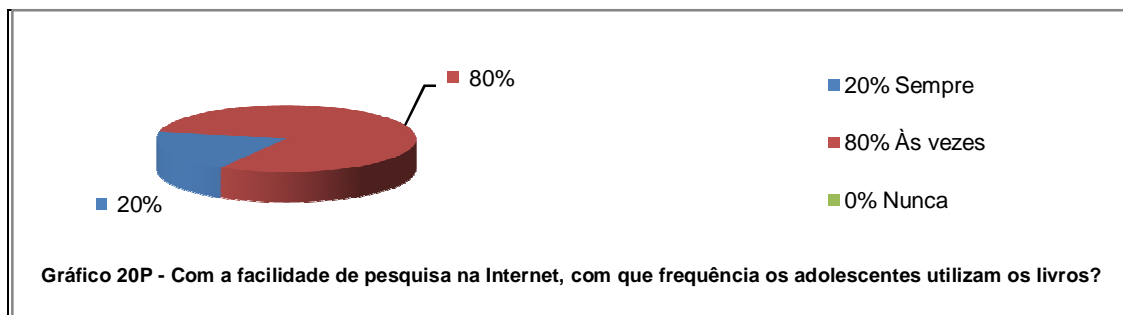
Ressalta-se que o ensino da língua materna deveria ser realizado fazendo um paralelo com a linguagem utilizada pelas pessoas de cada local conforme se observa a diversidade brasileira e também em consonância com o letramento digital.

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2012, p.2)

Quando o professor encoraja, anima e incentiva seus alunos a utilizarem as TICs nos trabalhos escolares não só como forma de pesquisa, também como construção de gêneros textuais diferentes como email, vídeo entre outros que fortalecem e agregam valores ao processo de ensino aprendizagem, os adolescentes têm a oportunidade de expressar suas ideias e ainda de socializá-las para que outros alunos compartilhem da produção de seu conteúdo.



Fonte: Dados da pesquisa

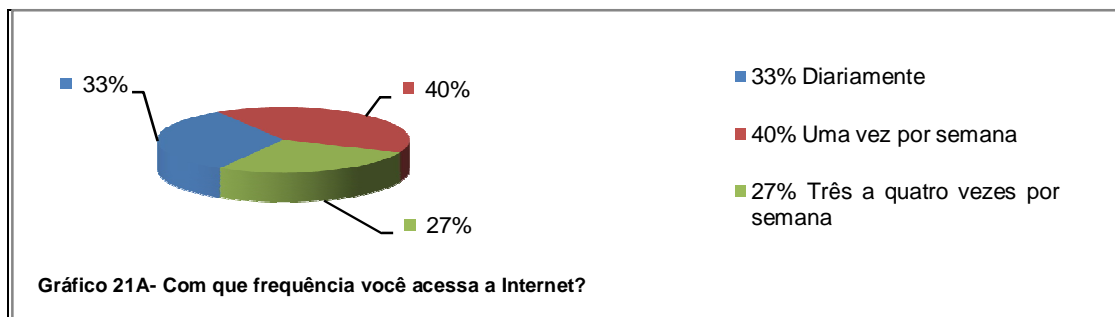


Fonte: Dados da pesquisa

Os alunos e professores sabem que a internet é uma ferramenta rica em informações e com textos similares sobre diversos assuntos apontados pelos hipertextos, o que facilita a pesquisa das atividades escolares. Os gráficos 19A com (83%) e 20P com (80%) registraram um equilíbrio nas respostas, indicando que no momento às vezes os alunos utilizam os livros como fonte de pesquisa. O livro não está com os dias contados para desaparecer das pesquisas escolares, nem ainda da biblioteca das escolas. A internet não veio substituir o livro nas pesquisas escolares, cada recurso tem sua função diferenciada e ambos podem ser prazerosos e úteis dependendo da forma como cada um é utilizado pelo usuário.

Pesquisa feita na História do Livro, disciplina relativamente recente, demonstrou que novos modos de comunicação não substituem os velhos – pelo menos no curto prazo. Na verdade, a publicação de manuscritos se expandiu após Gutenberg e continuou progredindo por três séculos. O rádio não destruiu o jornal, a televisão não matou o rádio e a internet não extinguiu a TV. Em cada caso, o ambiente de informação se tornou mais rico e mais complexo. É essa a experiência por que passamos nesta fase crucial de transição para uma ecologia predominantemente digital. (DARNTON, 2012, p.2)

Por outro lado, há uma contestação nas respostas dos gráficos ora em apreço quando 17% dos discentes responderam que nunca utilizam os livros para a pesquisa e 20% dos docentes afirmaram que sempre seus alunos fazem uso do livro para a realização de pesquisa. Entende-se que para os alunos essa pesquisa é a orientada como extraclasse e pesquisam na internet e a resposta de 20% que representa um professor, leva ao entendimento de que seja no componente curricular ministrado por ele que ocorra o percentual que sempre pesquisa nos livros.

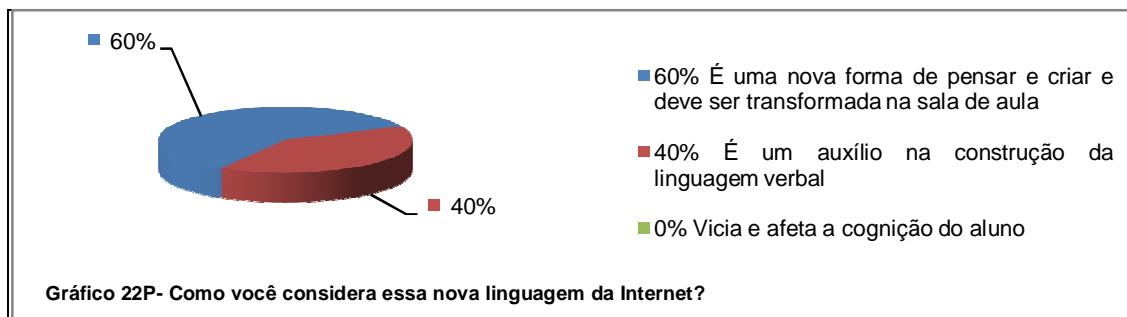


Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 21A revelou que todos os alunos da turma pesquisada têm acesso à internet, seja no laboratório da escola, em casa ou em outros locais. Levando em consideração o percentual de 40% que acessam uma vez por semana, a internet ainda não é realidade de todos os alunos de escola pública e entende-se que esses alunos estabelecem acesso ao mundo digital apenas para realizar pesquisas escolares e os outros recursos valiosos que a internet oferece tem ficado fora do processo educacional dos estudantes que serve para fortalecer o aprendizado de conteúdos.

Os programas têm sido importantes, mas não basta, somente, montar salas com computadores modernos e com acesso a internet sem professores capacitados para esta utilização. A situação se torna caótica principalmente nas escolas públicas onde computadores estão em salas fechadas e os alunos não têm acesso a estes, pois faltam professores e profissionais capacitados (sic). (FERREIRA, 2012, p.1)

O Laboratório de Informática Educativa (LIED) foi criado para que a comunidade escolar tenha acesso ao conhecimento com responsabilidade e garanta a formação de cidadãos críticos e reflexivos com capacidade de se tornarem agentes transformadores em sua comunidade. Por isso, é importante que os professores sejam capacitados para dominarem as diferentes ferramentas disponíveis no ciberespaço que são propícias para facilitar o aprendizado do aluno. No entanto, o que se percebe em muitas escolas públicas, geralmente os professores lotados nos ambientes educacionais (TV Escola, LIED, sala de leitura) para atender alunos e professores são os que estão em final de carreira e não os habilitados como deveria ser.



Fonte: Dados da pesquisa

Quando se fala em linguagem digital, imediatamente se pensa em atropelos na Língua Portuguesa, porque a linguagem desse ambiente como já foi citado é simplificada, abreviada e contém supressão principalmente de vogais. De acordo com a maioria dos professores entrevistados como apontou o resultado de 60% no gráfico 22P, disseram que esta linguagem pode ser transformada na sala de aula. Com esta afirmação, fica descartada a ideia de que a linguagem da internet vicia e afeta a cognição do aluno.

Se a mudança é inevitável, cabe à nós reinventar nossa visão de ensino da língua materna de forma a ajudar aos futuros leitores alternativas para evitar o estresse cognitivo que será a grande barreira na ânsia pelo saber. Espera-se que haja essa ânsia pelo saber e que possamos encontrar formas didático-pedagógicas para auxiliar esse novo processo de criação de textos e interação oral-escrita via internet. (CORTÉS, 2012, p.7)

O resultado de 40% desperta a atenção para o fato de essa linguagem servir como um auxílio na construção da comunicação, ou seja, criar oportunidades na sala de aula para que os adolescentes compreendam a verdadeira função social da palavra escrita ou falada. O processo de ensino aprendizagem transpõe a sala de aula nesse novo cenário digital, por isso, o professor deve aproveitar a forma como se comunicam os discentes e fazer um paralelo entre a língua formal e informal de maneira que façam essa distinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém lembrar que os objetivos desta pesquisa buscou identificar, em primeiro plano, a percepção dos docentes e discentes pesquisados, sobre a importância do ensino da Língua Portuguesa, principalmente o que envolve a leitura e escrita para promover de forma eficiente e eficaz a cognição humana. Em segundo lugar buscou identificar qual a contestação que tem levado os professores a suporem que a comunicação escrita simplificada e abreviada dos alunos utilizada via internet pode afetar a aprendizagem no espaço escolar e prejudicar o uso da escrita correta da Língua Portuguesa.

Ao longo de pesquisas envolvendo o uso da internet em atividades escolares, Moran um dos maiores especialistas brasileiros no uso da Internet em sala de aula, procurou enfatizar a aprendizagem a partir da interação humana, pautada na ação colaborativa entre aluno e professor e constatou que, “a questão fundamental prevalece sendo ‘interação humana’, de forma colaborativa, entre alunos e professores. Continua a caber ao professor dois papéis: ‘ajudar na aprendizagem de conteúdos e ser um elo para uma compreensão maior da vida’” (MORAN, 2012, p.1). Esta afirmação levou a compreender que a postura do professor em sala de aula perante os alunos deve ser de mediador do conhecimento para que a aprendizagem de conteúdos não seja meramente um cumprimento do seu Plano Anual, mas que seja uma aprendizagem significativa de maneira que reflita na vida social do aluno. Após a análise dos dados que consta no capítulo quatro Análise e Discussão dos Resultados, sempre calcado nos objetivos da pesquisa, como também nos pressupostos teórico-metodológicos previstos para a análise, estabeleceu-se as seguintes configurações conclusivas sobre o resultado da pesquisa:

Com os resultados das respostas dos alunos, na sua totalidade, comprova-se uma percepção altamente favorável quanto ao uso da internet para a elaboração das atividades escolares. Observou-se nos dados apontados uma significativa aprovação dos alunos, quando a grande maioria declara que utiliza a internet como ferramenta de pesquisa para efetivar suas tarefas escolares. Tais resultados encontram-se numa correlação direta com a percepção dos professores sobre esses aspectos, quando observou-se um expressivo percentual de docentes

que responderam ter orientado seus alunos a utilizarem a Internet como recurso para pesquisar trabalhos escolares, validando que a internet é essencial para estabelecer parceria na educação, o que é altamente significativo para uma boa aprendizagem e um desenvolvimento humano.

A compreensão negativa que os professores demonstraram ter em relação à escrita abreviada e simplificada da internet que, conforme suas respostas, prejudica a escrita padrão na sala de aula, confirma o alcance dos objetivos da pesquisa. No entanto, embora tendo a convicção de que essa nova linguagem da Internet não vicia e nem afeta a cognição do aluno, e ainda, afirmam que é uma nova forma de pensar e criar e auxilia na construção da linguagem, os professores nem sempre ressaltam a importância da linguagem digital, por considerarem a linguagem padrão como essencial no processo educativo, o que não invalida a visão crítica dos docentes frente a essa nova linguagem.

A referência que os professores fizeram em relação ao ensino da língua padrão como essencial é pela preocupação que têm sobre os textos que os alunos trazem para sala de aula copiados da internet, sem uma prévia leitura para a apropriação do conteúdo. Acredita-se que para combater esta atitude que se tornou uma problemática para os professores, é necessário que haja um posicionamento firme dos educadores apontando os prejuízos que os alunos terão no futuro, visto que a internet é uma fonte de pesquisa para enriquecer o conhecimento e não para copiar trabalhos. Conforme respostas dos professores, os alunos fazem pouca utilização dos livros para pesquisas escolares, o que instigaria os adolescentes a realizarem a leitura. No tocante ao “internetês” utilizado pelos alunos, os professores temem pela sua materialização nas atividades escolares, o que já foi evidenciado de acordo com afirmação unânime dos docentes que às vezes já receberam atividades escritas idênticas ao que escrevem no meio virtual nas conversas em redes sociais e mensagens de texto. A indicação responde ao problema de pesquisa, que considera que o professor supervaloriza a linguagem formal em relação à informal.

Os apontamentos levam a sugerir aos professores que busquem estratégias que estimulem a leitura e a escrita incorporando nos alunos a familiaridade da língua culta não como obrigação, mas com situações do seu cotidiano que façam aflorar mudanças positivas no processo de aprendizagem. Promover atividades didático-pedagógicas em ambientes virtuais, que sejam simultâneas aos temas ministrados em sala de aula, pode ser uma alternativa de

aproximar ainda mais os adolescentes da internet e despertar seu interesse em ser autor de seus textos. Com o avanço da tecnologia, hoje há vastos programas virtuais que favorecem a exploração de temas debatidos em sala de aula com ferramentas como *chat*, fórum, listas de discussão em *e-mail*.

A pesquisa de campo delimitou-se em identificar os fatores que têm contribuído para que os professores supervalorizem a linguagem formal e releguem a linguagem da internet. A contribuição de alunos e professores foi fundamental para uma melhor interpretação das percepções diante do espaço pedagógico. O valor atribuído pelos alunos e professores a respeito ao emprego da linguagem da internet demonstrado nas respostas aos questionários, foi considerado do ponto de vista da pesquisadora, como valor proeminente destacado na pesquisa. As indicações descartam a ideia de que a linguagem da internet vicia e afeta a cognição do aluno, o que é significativo para a educação atual.

Os resultados da pesquisa poderão servir como sugestão de procedimento para reestruturação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola pesquisada e de projetos temáticos interdisciplinares pautados numa educação inclusiva. Outra sugestão é quanto ao planejamento, ser realizado em conjunto com os professores que trabalham no Laboratório de Informática da escola e outros professores que já fazem uso das ferramentas tecnológicas, permitindo que os conteúdos programáticos sejam trabalhados levando em consideração a linguagem da internet que se constituiu numa linguagem de grande importância para os adolescentes.

REFERÊNCIAS

AMAPÁ. Secretaria de Estado da Educação. Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual Rivanda Nazaré da Silva Guimarães. Macapá, 2010.

ANTUNES, C. **Relações interpessoais e auto-estima**: a sala de aula como um espaço de crescimento integral. Petrópolis: Vozes, 2003.

ANTUNES, R. **Cópias de trabalhos vira dor de cabeça para professores**. Disponível em: <http://www.acessepiaui.com.br/geral/c-pias-de-trabalhos-vira-dor-de-cabe-a-para-professores/12509.html>. Acesso em: 8 jul 2012.

ARAÚJO, J. C. (org). **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CASTRO FILHO, J. A. de.; PEQUENO, M. C.; DAVID, P. B.; VIANA JÚNIOR, G. S.; SOUZA, C. de F.; MESQUITA, O. A. de. **Linguagens midiáticas e comunicação em EaD**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/40280441/Linguagens-Midiaticas-e-Comunicacao-em-EaD-Castro-Filho-et-al>. Acesso em 08 jul 2012.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

COOL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____. MARCHESI, A. PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CORTÊS, N. **A influência da internet no ensino fundamental: os impactos na prática do ensino de língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-da-internet-no-ensino-fundamental-os-impactos-na-pratica-do-ensino-de-lingua-portuguesa/31430/>. Acesso em: 23 jul 2012.

DARNTON, R. **O livro e a internet: Cinco mitos sobre a idade da informação**. Disponível em: http://www.crb1.org.br/sala_de_leitura.php. Acesso em: 22 jul 2012.

DEMO, P. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

ESCLARÍN, A. P. **Educar para humanizar**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FERNANDES, C. **Internetês X letramento**. Disponível em: <http://www.portuguesemdestaque.blogspot.com.br/2012/06/internetes-x-letramento.html>. Acesso em: 20 jul 2012.

FERRARA, L. D'Alessio. **O espaço líquido**. Disponível em: <http://abciber.org/publicacoes/livro1/textos/o-espaco-liquido/>. Acesso em: 22 maio 2012.

FERREIRA, N. B. **Uso das TICs na educação**. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_23852/artigo_sobre_uso_das_tics_na_educa%C3%87%C3%83o. Acesso em: 23 jul 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, M. T. de A.; COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2003.

MORAN, J. M. **A Internet na Educação: Entrevista para o portal Educacional**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/entrev.htm>. Acesso em: 10 jul 2012.

MORETTO, P. V. **Prova – um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOYSÉS, Lúcia. **A auto-estima se constrói passo a passo**. Campinas: Papirus, 2001.

MOYSÉS, Lúcia. A auto-estima se constrói passo a passo. Campinas: Papirus, 2001.

NUNES, T; BUARQUE, L; BRYANT, P. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática.** São Paulo: Cortes, 2001.

PADRON, R. **Telefone celular:** uma convergência de mídias para interação com públicos. Disponível em: <http://www.inpresspni.com.br/artigos-182-Telefone-celular-uma-convergencia-de-midias-para-interacao-com-publicos.html> . Acesso em 04 jun 2012.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1999.

PRETTE, A. del; PRETTE, Z. del. **Psicologia das relações interpessoais:** vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, J. S. dos. **Letramento, variação lingüística e ensino de português.** Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/8%20art%206.pdf>. Acesso em: 03 jul 2012.

SILVA. R. V. M. **“O português são dois...”** – novas fronteiras, velhos problemas. SP: Parábola, 2004.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias:** acadêmica, da ciência e da pesquisa. 5. ed. Belém: UNAMA, 2001.

UONDERIAS, B. **Internet: Rapidez de informação ou uso errado da língua?** Disponível em: <http://arteevicio.com/curiosidade/internet-rapidez-de-informacao-ou-uso-errado-da-lingua/>. Acesso em 08 jun 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. Disponível em: (www.jahr.org).

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XAVIER. A. C. dos S. **Letramento digital e ensino.** Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 20 jun 2012.

APÊNDICE A – Questionário com os alunos

Bem-vindo ao meu trabalho de Especialização sobre **a escrita, o código verbal e a linguagens midiáticas na perspectiva do professor e aluno do ensino fundamental.**

Obrigada por disponibilizar um pouco do seu tempo para responder a este questionário.

As informações fornecidas serão tratadas com sigilo e conhecidas apenas pela pesquisadora.

Ninguém mais terá acesso a estas informações. Quando da divulgação dos resultados, os nomes não serão revelados em hipótese alguma.

Nome _____ Sexo _____ Idade _____

1) Você compreende o ensino da língua Portuguesa com facilidade? A. Sempre B. As vezes C. Nunca	A	B	C
2) Em sua casa as pessoas costumam comprar livros? A. Sempre B. As vezes C. Nunca	A	B	C
3) Onde você costuma pesquisar suas tarefas escolares? A. Biblioteca B. Jornais, revistas e outras literaturas C. Internet	A	B	C
4) Você lê o texto dos autores pesquisados e altera para escrever seu próprio texto? A. Sempre B. As vezes C. Nunca	A	B	C
5) Quando seus professores avaliam seus trabalhos, sabem quando é copiado da internet? A. Sempre B. As Vezes C. Nunca	A	B	C
6) No processo de aprendizagem como você classificaria a questão do acesso a Internet para pesquisas de trabalhos escolares? A. Facilita a aprendizagem B. Não facilita a aprendizagem C. Dificulta a aprendizagem	A	B	C
7) Quando você escreve texto no celular e na internet, simplifica e abrevia as palavras? A. Sempre B. As Vezes C. Nunca	A	B	C
8) Você já escreveu texto na sala de aula da mesma forma como escreve no celular e internet? A. Sempre B. As Vezes C. Nunca	A	B	C
9) A escrita abreviada e simplificada da internet prejudica a escrita padrão na sala de aula? A. Sempre B. As Vezes C. Nunca	A	B	C
10) Com a facilidade de pesquisa na Internet, com que frequência você utiliza os livros? A. Sempre B. As Vezes C. Nunca	A	B	C
11) Com que frequência você acessa a Internet? A. Diariamente B. Uma vez por semana C. Três a quatro vezes por semana	A	B	C

APÊNDICE B – Questionário com os professores

Bem-vindo ao meu trabalho de Especialização sobre **a escrita, o código e as linguagens midiáticas na perspectiva do professor e aluno do ensino fundamental.**

Obrigada por disponibilizar um pouco do seu tempo para responder a este questionário.

As informações fornecidas serão tratadas com sigilo e conhecidas apenas pela pesquisadora. Ninguém mais terá acesso a estas informações. Quando da divulgação dos resultados, os nomes não serão revelados em hipótese alguma.

Nome _____ Sexo _____ Idade _____ Tempo Ensino _____

<p>1) Seus alunos sentem dificuldade para dominar o ensino da Língua Portuguesa?</p> <p>A. Sempre B. As vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>2) Quando é proposta a leitura na sala de aula, os alunos reagem com prontidão?</p> <p>A. Sempre B. As vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>3) Onde seus alunos costumam pesquisar suas tarefas escolares?</p> <p>A. Biblioteca B. Jornais, revistas e outras literaturas C. Internet</p>	A	B	C
<p>4) Os alunos imprimem trabalhos diretos da Internet e entregam?</p> <p>A. Sempre B. As vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>5) Ao avaliar os trabalhos de seus alunos você sabe quando é copiado da internet?</p> <p>A. Sempre B. As vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>6) Com o advento da Internet como você vê a questão da produção do conhecimento?</p> <p>A. Facilita a aprendizagem B. Não facilita a aprendizagem C. Dificulta a aprendizagem</p>	A	B	C
<p>7) Você orienta seus alunos a utilizarem a Internet como recurso para pesquisar trabalhos escolares?</p> <p>A. Sempre B. As Vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>8) Os adolescentes adotaram uma nova linguagem para escrever textos no celular e na Internet simplificando e abreviando palavras. Você já percebeu essa linguagem na sala aula?</p> <p>A. Sempre B. As Vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>9) A escrita abreviada e simplificada da internet prejudica a escrita padrão na sala de aula?</p> <p>A. Sempre B. As Vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>10) Com a facilidade de pesquisa na Internet, com que frequência os adolescentes utilizam os livros?</p> <p>A. Sempre B. As Vezes C. Nunca</p>	A	B	C
<p>11) Como você considera essa nova linguagem da Internet?</p> <p>A. É uma nova forma de pensar e criar e deve ser transformado na sala de aula. B. É um auxílio na construção da linguagem verbal. C. Vicia e afeta a cognição do aluno.</p>	A	B	C